

# Gazeta das Aldeias

N.º 2562

1 DE MARÇO DE 1966



Sala

Est.

Tab.

N.º

# Alimentos Compostos

MINERALIZADOS



VITAMINADOS



# SOJAGADO

As farinhas «SOJAGADO», compostas à base de Soja, constituem um alimento concentrado que satisfaz as necessidades nutritivas dos animais.

Para cada espécie e conforme a natureza da exploração pecuária há uma fórmula especial, contendo sempre correctivos minerais, vitaminas e antibióticos.

Solicitai-nos as n/ publicações e atendei às indicações técnicas para vos garantirdes de uma maior produtividade.

**SOJA DE PORTUGAL, LDA.**

Fábrica de Alimentos Compostos para Animais

ESCRITÓRIOS: Rua dos Fanqueiros, 38-2.º

Apartado n.º 2692

Telefs.: 323830-327806

LISBOA-2

FÁBRICAS EM OVAR

Apartado 20 — Tel. 52063

DELEGAÇÃO DE VENDAS E CONSULTAS TÉCNICAS:

Rua do Almada, 152-4.º

Telef. 36970

PORTO



**GUIAS COMPLETOS PARA  
AUMENTAR A PRODUÇÃO  
NA CRIAÇÃO DE AVES,  
SUÍNOS E GADO LEITEIRO**

Solicite ao representante em Portugal da CYANAMID INTERNATIONAL os exemplares gratuitos dos «MANUAIS DO PROGRAMA COORDENADO DE ALIMENTAÇÃO E SAÚDE» para AVES, SUÍNOS E GADO LEITEIRO.

Estes manuais estão cheios de ideias práticas que o ajudarão a ganhar mais dinheiro. Estas recomendações são apresentadas em programas fáceis de realizar passo a passo. Cada programa começa com a criação e cuidados a ter com os animais, e termina com o combate às doenças. Mostra-lhe o que deve fazer em cada etapa da criação, a fim de obter os maiores rendimentos possíveis.

Anos de estudos demonstraram que V. pode produzir mais carne, leite e ovos com menos despesas, seguindo os programas descritos nestes manuais. Eles indicam-lhe-ão como poderá aumentar a produção, combatendo as doenças dos seus animais. Em cada programa combinam-se as técnicas científicas mais avançadas com a administração de:

1.º — AUROFAC suplemento alimentar que contém o antibiótico AUREOMICINA — clorotetraciclina.

2.º — As vacinas e medicamentos CYANAMID de eficácia comprovada. Aprese-se a obter os exemplares destes folhetos antes que se esgotem.

**PROGRAMA  
COORDENADO**

\* Marca Registrada

**CYANAMID**

**CYANAMID INTERNATIONAL**  
U. S. A.  
DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

**Sociedade Farmacêutica Abecassis, S.A.R.L.**  
RUA CONDE REDONDO, 64 — LISBOA — TELEFONE 73 69 51

3243



# Milho Híbrido

**IRPAL**



O MILHO DA ABUNDÂNCIA

À VENDA EM TODO O PAIS

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

**IRPAL**

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 869167 e 869168

Com **UM** só **TRATAMENTO**

*pode evitar os ataques de*

**LEPRA DO PESSEGUEIRO**

*se utilizar*

**FUCLASIN ULTRA «SCHERING»**

2891

Para informações detalhadas consulte os SERVIÇOS AGRONÓMICOS de

**AGUIAR & MELLO, LDA.**

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 13-1.º—LISBOA

# Motores e Grupos de Rega

## VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40

1,1 HP      2 HP      2,4 HP      3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2"      2"      2 1/2"      3"

ENCONTRÁ-LOS-Á NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

**SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.**

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A

Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F

Telef. 53393

3582

## PORTO AVÍCOLA

(CASA FUNDADA EM 1942)

CHOCADÉIRAS — AVES — CÃES — ARTIGOS E ALIMENTOS PARA OS MESMOS

CARLOS PINHEIRO — Rua de Aviz, 16 — Tel. 26540 — PORTO

4174

## SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

*Alfaces, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas: Couve flor, Bróculo, Repolho, Penca de Chaves, Penca de Mirandela, Penca da Póvoa, Tronchuda, Espinafres, Nabos de diferentes variedades, Rabanetes, assim como: Azevéns, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Ray-grass, Trevos, etc., etc.* e ainda uma completa coleção de **Flores**.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

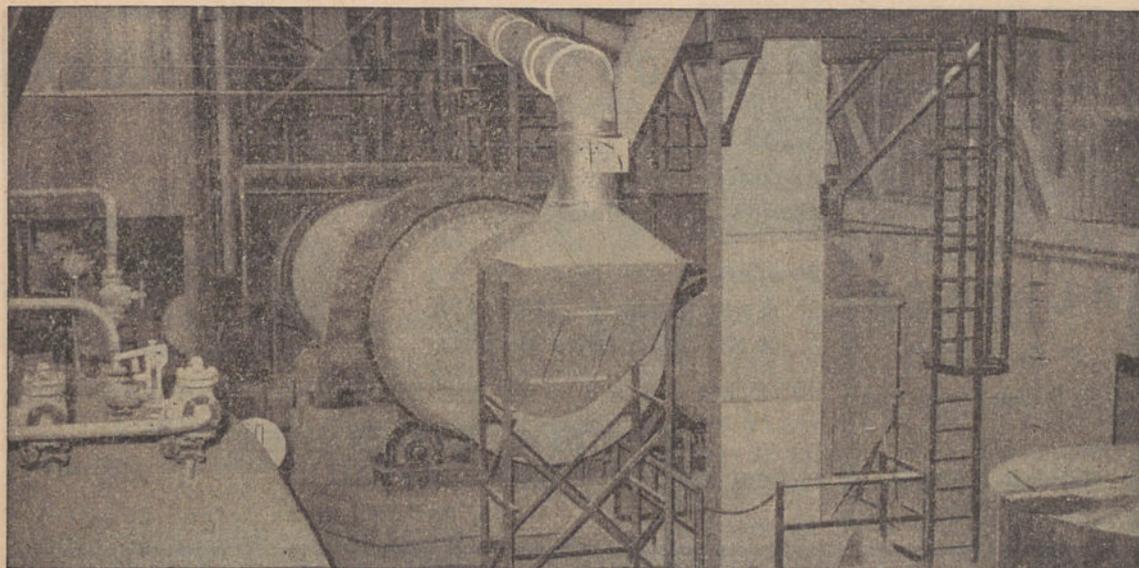
“SEMENTEIRA” de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones 27578 e 33715 — PORTO

CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o

N. B. — Preços especiais para revenda que lhe será enviado gratuitamente





*Senhor Lavrador*

## Prefira os Adubos Compostos CUF

— Garantia de boas colheitas —

— Na adubação de inverno da **vinha e olival:**

	Azoto (N)	Fósforo (P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> )	Potássio (K <sub>2</sub> O)
<b>FOSKAMONIO 111</b>	10 0/0	10 0/0	10 0/0
<b>FOSKAMONIO 122</b>	7 0/0	14 0/0	14 0/0
<b>FOSKAMONIO 222</b>	15 0/0	15 0/0	15 0/0

— Na adubação de sementeira da **batata:**

<b>FOSKAMONIO 111</b>	10 0/0	10 0/0	10 0/0
<b>FOSKAMONIO 112</b>	7 0/0	7 0/0	14 0/0
<b>FOSKAMONIO 122</b>	7 0/0	14 0/0	14 0/0
<b>FOSKAMONIO 222</b>	15 0/0	15 0/0	15 0/0

Utilize os adubos nacionais especialmente estudados para os solos e culturas nacionais



**Companhia União Fabril**

LISBOA—Avenida Infante Santo, 2 • PORTO—Rua do Bolhão, 192

*Depósitos e Revendedores em todo o País*

Jóias-Pratas  
Mármore-Bronzes  
e prendas para  
Baptizados e  
Casamentos

3056

**Ourivesaria  
ALIANÇA**

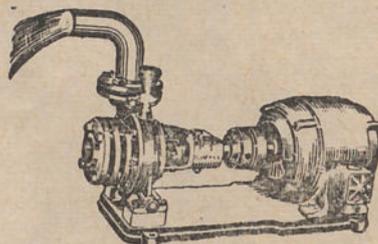
PORTO

191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:  
R. Garrett (Chiado), 50

## Grupos Electro-Bombas

desde o mais pequeno *mono-  
fásico* até ao maior *tri-  
fásico* multicelular.



*Proteja* o seu grupo com um  
Automático **BROOK**  
ou com Interruptor de Bóia.

CONFIEM NA GRANDE EXPERIÊNCIA DE 80 ANOS DA

**CASA CASSELS**

191, Rua Mousinho da Silveira — PORTO

56, Avenida 24 de Julho — LISBOA

3927

# os 6

PRINCIPAIS MOTIVOS  
DO ALTO VALOR DA  
**UROCRASINA**

- 1.º Dissolve e elimina o ácido úrico
- 2.º Activa a diurese
- 3.º Regularisa a tensão arterial
- 4.º Facilita a circulação do sangue
- 5.º Combate a obesidade
- 6.º Desintoxica e rejuvenesce

**UROCRASINA**

*Especifico Anti-urico por excelencia*

2816

# AUREOMICINA

CLOROTETRACICLINA

# LANÇA-DOSES



## Para a prevenção e tratamento da diarreia e pneumonia dos leitões

A AUREOMICINA LANÇA-DOSES foi criada para uso no controlo da diarreia e pneumonia bacterianas dos leitões. É uma fórmula especial, semi-sólida, de AUREOMICINA, clorotetraciclina, em óleo, completamente misturada e pronta para uso.



A administração faz-se pela boca. A seringa especial de matéria plástica, não recuperável, dentro da qual se encontra o medicamento, tem uma ponta branda de plástico que não pode lesar a boca do báculo. Cada seringa de 10 doses (10 cc) contém 500 mg de AUREOMICINA, Clorotetraciclina — 50 mg por cc. O êmbolo da seringa está marcado, sendo assim fácil administrar a dosagem correcta.

Coloque-se simplesmente a ponta da seringa na boca do leitão e exerça-se pressão sobre o êmbolo, fazendo-se deslocar até à divisão correspondente.

A fórmula especial do LANÇA-DOSES adere à língua, não escorre para fora da boca, não se perde, nem passa para os pulmões por forma a poder causar pneumonia.

A dosagem recomendada é de 1 dose (1 cc), dos 2 aos 4 dias de idade, repetida 3 dias depois, conforme for necessário.

*Fácil de usar: basta colocar a ponta branda da seringa de matéria plástica na boca do leitão e premir o êmbolo até à marca para que saia uma dose do LANÇA-DOSES DE AUREOMICINA.*

Estudos do sangue e dos tecidos mostram que os níveis de AUREOMICINA, para um tratamento eficaz, perduram por 3 dias, consecutivamente a uma só dose do LANÇA-DOSES de AUREOMICINA.

Apresentação: Seringa (não recuperável) de 10 cc (10 doses)

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

*Cyanamid International*

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E ULTRAMAR

SOCIEDADE FARMACÊUTICA ABECASSIS, S. A. R. L.

R. Conde Redondo, 64-LISBOA ♦ R. Santo António, 15-3.-PORTO

• Marca Registrada

CYANAMID

3211



**Filtros \* Bombas \* Rolhadore**  
**res \* Máquinas de gaseificar**  
**\* Máquinas de encher \* Satu**  
**radoras \* Mangueiras de bor**  
**racha e de plástico, etc., etc.**

Ácido Cítrico \* Ácido Tartárico \* Ácido  
 Ascórbico \* Sorbato de Potássio \* Metatartá-  
 rico \* Carvão «Actibon» \* Taninos «Dyewood»  
 (os melhores à venda em Portugal) \* Anidrido Sul-  
 furoso \* Metabisulfito de Potássio \* Solução  
 Sulfurosa \* Gelatina Spa-R \* Bentonite «Vol-  
 klay» \* Fosfato de Amónio \* Barro Espanhol  
 \* Caseína \* Albumina de Sangue \* Calgonit  
 (o melhor desinfetante e decolorante de vasilhas) \*  
 Permanganato de Potássio \* Carbonato de  
 Sódio \* Actisolar \* Emboçol \* Bono-Suif (Mas-  
 tic francês) \* Mechas de Enxofre \* Glutofix  
 (cola para rótulos) \* Goma Laca \* Goma Ará-  
 bica \* Parafinas (sólidas e líquidas)

Ebuliómetros \* Acidímetros \* Areómetros \*  
 Glucómetros \* Mostímetros \* Alcoómetros  
 \* Termómetros \* Vinómetros \* Buretas \* Pro-  
 vetas \* Balões \* Copos \* Reagentes, etc., etc.

## Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.  
**PORTO**

Telefs. 28093  
 35173

3876



**atomizadores de dorso**  
 com lançador automático  
 para atomização e polvilhação

Podem ser montados com bomba de elevação  
 e tubo de prolongamento, para  
 árvores e ramadas altas.

Modelo ATO 39	Modelo ATO 77
Potência: 2 C. V.	Potência: 3 C. V.
Peso: 7,800 kgs.	Peso: 12,100 kgs.

PEDIDOS À

**Agência Geral Gutbrod**

Rua de José Falcão, 152-156  
 Telefones 20947 e 20948 — Porto

3781



# LENA

## VIVEIROS



BACELOS • PESSEGUEIROS  
 MACIEIRAS • PEREIRAS  
 um viveiro com a garantia  
 de uma marca de aparelhos  
 agrícolas de grande prestígio  
 peça, hoje mesmo, o nosso catálogo

**A INDUSTRIAL AGRÍCOLA • BATALHA**

*Liga-me... Acompanha-nos a melhor Técnica!*



**A obtenção de maiores produções por unidade de superfície de terreno cultivado e o barateamento do seu custo, são as bases da solução do problema agrícola.**

A cultura do milho, a par de uma técnica apropriada, exige, para se atingir aquela finalidade, o emprego de

**H Í B R I D O S** **acal**

Os resultados obtidos pela Lavoura, com produções que facilmente duplicam as conseguidas com os milhos regionais, justificam o emprego dos

# Milhos Híbridos



Sendo a produção desta semente limitada, reserve desde já as variedades da sua preferência

**HP 21 A      HP 32      HB 5 A      HB 7 A      HB 9**

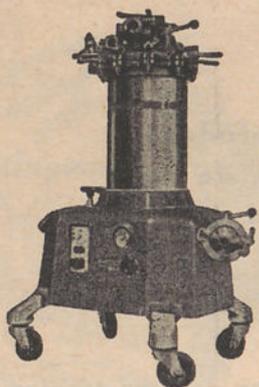
Para conhecimento das características principais destes milhos, peça os **BOLETINS TÉCNICOS** dos

**SERVIÇOS AGRONÓMICOS** **acal**

**Agência Comercial de Anilinas, Lda.**

(SECÇÃO AGRÍCOLA)

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telef. 55161 (3 linhas)



**Filtros** — *De aço inoxidável, para vinhos, vinagres, azeites, etc.*

**W i n o** — *Mastique especial para a vedação perfeita do vasilhame.*

**Tartrix** — *O produto ideal para lavagem e desinfecção de vasilhame vinário, leiteiro, etc.*

**Collogel** — *O produto que evita a precipitação do cremotartaro nos vinhos engarrafados.*

## Produtos Enológicos - Material de Adega - Análises



RAMO AGRICOLA da

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telefone, 55161

4048

# HERPETOL

## PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOIA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, e a pele é refrescada e aliviada. Os alvius começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.



À venda em todas as farmácias e drogas

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO  
DA FONSECA, LIMITADA**  
RUA DA PRATA 237 — LISBOA

## Tractores «International»

## e Motocultivadores «Ocrim»

Charruas, Sachadores,  
Semeadores, Tararas,  
Descaroladores, Corta-  
-Relvas manuais e a motor  
e Sementes.

Todo o material agrícola em geral

### Adubos

Simples e Compostos

PEDIDOS AO:

## Centro Agrícola e Industrial, Lda.

307, Rua de Santa Catarina, 309  
Telef. 25865/6 PORTO Teleg. AGROS

2747

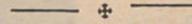


# Nitratos de Portugal

S. A. R. L.

Rua dos Navegantes, 53-2.º

L I S B O A



Produziram em dois anos mais de  
290 000 toneladas de:

**Nitrolusal** com 20,5 % e 26 % de azoto, metade  
nitríco, metade amoniacal.

**Nitrato de Cálcio** com 15,5 % de azoto nitríco.

**Nitrapor** — complexo binário com 20 % de azoto  
e 18 % de potássio.

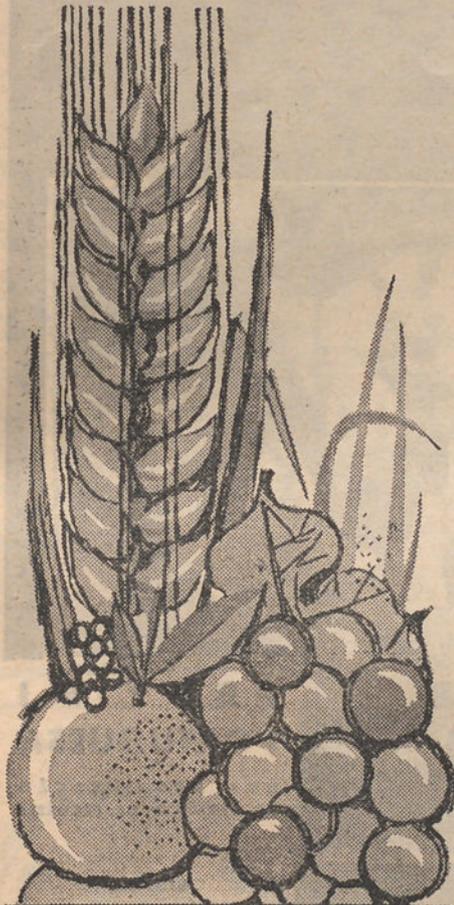
Destes quantitativos foram exportados em dois  
anos para *Espanha, África do Sul, Roménia,  
Rodésias, Checoslováquia, Líbano, Síria, Austrá-  
lia, Tailândia, Chipre e Turquia* muitas dezenas  
de milhares de toneladas que corresponderam a mais  
de 160 000 contos de divisas entradas no País.

Após diversos ensaios industriais e agrícolas,  
vão ser lançados no mercado:

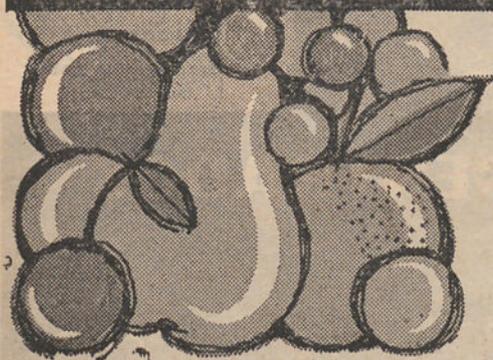
**Nitrafós** — complexo binário.

**Nitratrês** — complexo ternário.

4158



**NITRATOS DE PORTUGAL, S.A.R.L.**



Os adubos dos NNNN são, sem dúvida,  
os **adubos das boas colheitas**

Prefira-os

**Não poupe nos adubos!**

# PROVIMI

## RAÇÕES E CONCENTRADOS

GALINÁCEOS (GEN. GALLUS)  
PALMÍPEDES - PERUS  
FAISÕES - CODORNIZES  
COELHOS - CHINCHILAS  
EQUÍDEOS - BOVINOS  
OVINOS - SUÍNOS

FORMULAÇÃO CORRECTA

LABORAÇÃO RIGOROSA

CONTROLO LABORATORIAL

EXPERIMENTAÇÃO  
ZOOTÉCNICA

EFICÁCIA BIOLÓGICA

EFICÁCIA ECONÓMICA

## FÁBRICAS PROVIMI

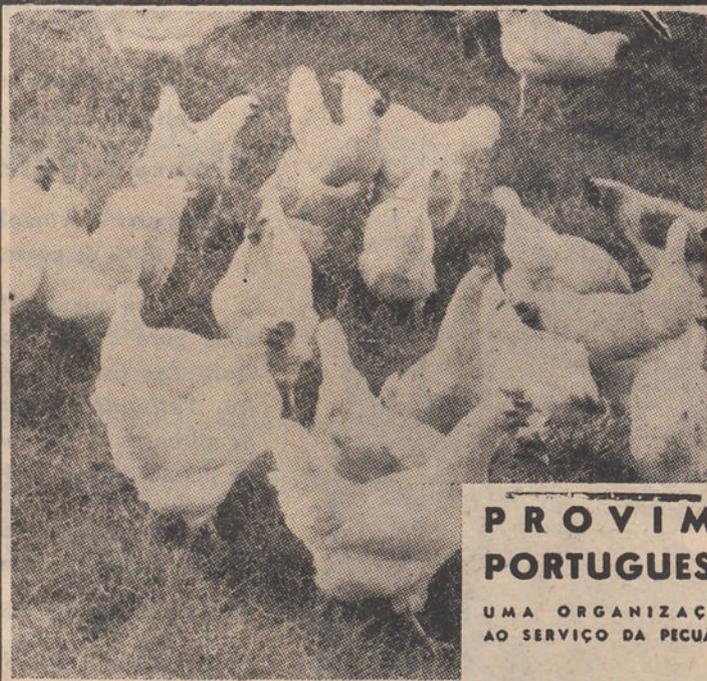
PAIÀ - SACA VÉM - FARO  
CASTRO VERDE - CARAMULO  
OVAR - BRAGA - PONTA DEL-  
GADA - FUNCHAL - MALANGE

## ASSISTÊNCIA TÉCNICA

ALOJAMENTOS  
ALIMENTAÇÃO  
TÉCNICAS DE EXPLO-  
RAÇÃO - NORMAS DE  
CRIAÇÃO - HIGIENE  
DAS PRODUÇÕES  
G E S T Ã O



SÍMBOLO DE PRESTÍGIO MUNDIAL



## PROVIMI PORTUGUESA

UMA ORGANIZAÇÃO  
AO SERVIÇO DA PECUÁRIA

### LISBOA

R. Filipe Folque, 2, 2.º  
Tel. 42111

### PORTO

R. Sá de Bandeira, 746, 2.º-Dto.  
Tel. 30869

## RAÇÕES E CONCENTRADOS

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS

## SUMÁRIO

Em que ficamos? . . . . .	161
Dos estudos de Ornitologia em Portugal e a Cinegética— Prof. C. M. Baeta Neves . . . . .	162
Algumas considerações sobre o mildio da videira—Eng. Agrónomo B. H. Correia Fernandes . . . . .	166
Boletim Meteorológico para a Agricultura . . . . .	168
Temas de arboricultura—Eng. Agrónomo Oscar Reis Cunha . . . . .	169
O papel da vulgarização em face às modernas técnicas de comercialização dos produtos agrícolas—José Luis Pessoa da Graça . . . . .	175
Trabalhos em Março . . . . .	175
Os cursos de aperfeiçoamento técnico na promoção da mão-de-obra resinera—Eng. Silvicultor António M. da Cunha Lopes . . . . .	179
Embalagens—Eng. Silvicultor Maximino Alvarez . . . . .	183
O aprovisionamento artificial das abelhas—Eng. Agrónomo Vasco Correia Paixão . . . . .	185
Nota do Ministério da Economia sobre a intervenção da Junta Nacional do Vinho durante a Campanha de 1965-66 . . . . .	188
Caça e Pesca—Para ponderar—Almeida Coquet . . . . .	195
<b>SERVIÇO DE CONSULTAS</b>	
—Fruticultura . . . . .	197
—Zootecnia . . . . .	198
Informações . . . . .	199
Intermediário dos lavradores . . . . .	200

## A NOSSA CAPA



Vinho — Alegria — Saúde

Emblema internacionalmente adaptado para a propagação do vinho

## ASSINATURAS

Ano . . . . .	100\$00
Semestre . . . . .	55\$00
Número avulso . . . . .	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais . . . . .	50 %

Visado pela Comissão de Censura

# Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR  
AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L) \* Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66—PORTO  
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS—PORTO \* Telefones: 25651 e 25652Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)  
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º—PORTO

## EM QUE FICAMOS?

QUANDO os «especialistas» se deixam levar pela «paixão» profissional, esquecem o justo bom senso e olham unicamente através do «prisma» deformante do seu «pequeno mundo», os resultados são lamentáveis.

Dizem-nos haver, em país do outro lado do Atlântico, uma instituição onde os cientistas que a servem são obrigados a desempenhar anualmente e durante alguns meses, funções profissionais não especializadas, para tomarem consciência dos problemas gerais e rectificarem a sua visão de conjunto.

Nós diríamos que esses especialistas são obrigados a um «banho» anual de senso comum.

Vem isto a propósito de três publicações que temos diante de nós.

Uma — é lamentável que seja uma publicação de novos para novos, futura elite profissional dirigente — trabalho que é, do principio ao fim, uma diatribe cega contra o vinho.

Não queremos julgar o valor da argumentação, nem das afirmações dogmáticas do autor. Que o façam os seus pares, com competência para isso.

Sabemos só que outra, assinada por médico, professor e membro duma academia científica, toma posição diametralmente oposta e se a primeira lança um anátema, esta é um canto de glória, que igualmente nos parece excessivo.

Uma terceira é mais calma, mais equilibrada, de raciocínio mais desapassionado.

As coisas chegam ao ponto dum cientista se fundamentar em experiências, de carácter alimentar, efectuadas por um empreiteiro de obras públicas.

A terceira, a que nos parece rodear-se da indispensável objectividade, invoca o testemunho da revista da «British Medical Association»; o que já deve ser «fonte» mais límpida e cita conclusões muito favoráveis ao consumo equilibrado do vinho e de outras bebidas moderadamente alcoólicas.

O recente Congresso Internacional da Vinha e do Vinho deu, neste particular, uma lição eloquente. Apesar de se tratar de especialistas, não perderam a serenidade, não se apaixonaram quando concluem «condenando o abuso, declaram-se favoráveis ao consumo moderado...».

Mas afinal no que ficamos?

Divulgar pressupõe aceitar responsabilidades, respeitar os outros e a si próprios e não brincar aos sábios.

Quanto aos novos, achamos óptimo que bebam leite — alimento ideal para as primeiras idades, mas incompleto para adultos — e fazemos votos para que se não embriaguem com música yé-yé.

# DOS ESTUDOS DE ORNITOLOGIA EM PORTUGAL E A CINEGÉTICA

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES  
Engenheiro Silvicultor

QUEM tenha lido nos jornais as notícias sobre o envenenamento de aves no Alentejo, ou da captura, em vários locais do País, de exemplares anilhados oriundos de diversos países da Europa, concluirá que a Ornitologia passou a ser, pelo menos sob estes aspectos, um ramo das Ciências Naturais mais directamente relacionado com a nossa vida quotidiana do que poderia parecer à primeira vista.

E se for de um caçador que se trate, então tal ciência tomará um interesse necessariamente muito maior por ser ainda mais clara a ligação existente entre os problemas de Cinegética que o preocupam e os problemas que absorvem a atenção dos ornitologistas, quando se trate de espécies venatórias aladas.

Em artigos anteriores sobre este tema geral, as Aves, já considerei alguns casos especiais desses problemas, mas não dei ao leitor uma ideia da situação actual em que nos encontramos quanto aos nossos conhecimentos fundamentais de Ornitologia, em especial no caso metropolitano continental.

Dada a interdependência sempre existente entre os conhecimentos dessa natureza e as possibilidades de realização das profissões técnicas com eles mais directa e intimamente relacionadas, é fácil concluir da vantagem que possa haver em dar o balanço da nossa situação actual nesse particular. Só assim será possível gizar com a segurança indispensável um

qualquer plano de orientação a seguir com o objectivo de resolver de vez tais problemas de cinegética.

\* \* \*

Até à publicação, em 1896, da 1.<sup>a</sup> edição do trabalho do Prof. Manuel Paulino de Oliveira, *Aves da Península Ibérica e especialmente de Portugal*, não havia uma obra de conjunto sobre as nossas espécies de Aves que permitisse não só fazer uma ideia de conjunto da fauna ornitológica portuguesa, mas também a identificação de um qualquer exemplar cuja posição sistemática se quisesse conhecer.

Publicada esta primeira monografia, logo em 1903 surge o Fascículo I do *Catálogo Ilustrado das Aves de Portugal (Sedentárias, de arribação e accidentaes)* da autoria de D. Carlos de Bragança, de que infelizmente só veio a aparecer o Fascículo II, publicado em 1907, ficando assim tão notável obra muito incompleta, uma vez que o autor chegou apenas a tratar de 40 espécies.

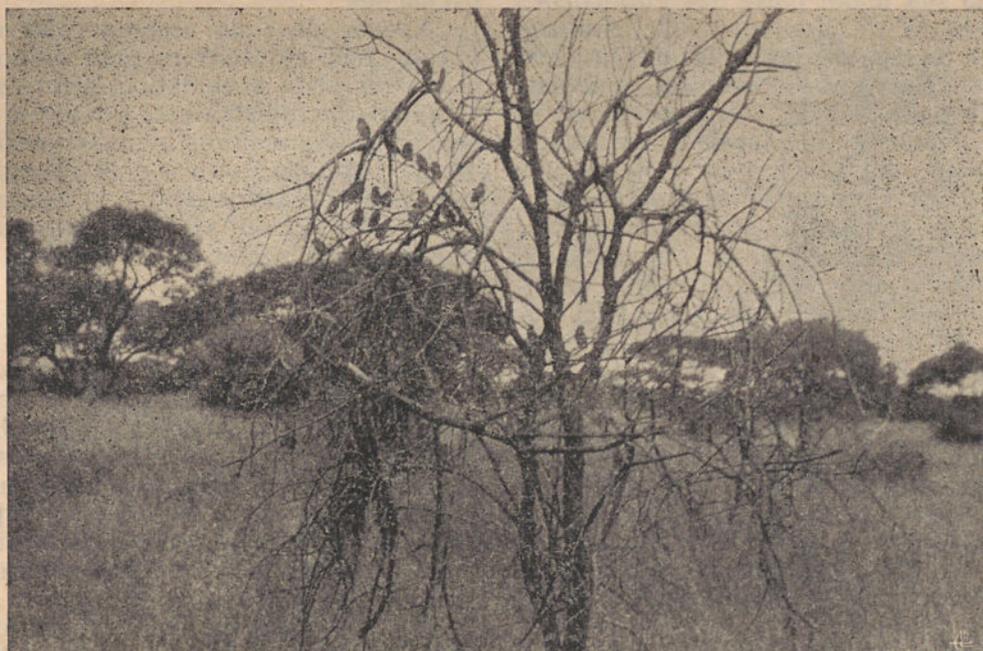
Publicados entretanto os trabalhos de Lopes Vieira (*Catálogo da colecção de ninhos e ovos das aves que criam em Portugal*, Porto, 1904) e o de Seabra (*A regeneração da fauna ornitológica da Mata Nacional do Bussaco*, Lisboa, 1905), deu assim a Ornitologia em Portugal um grande passo em frente, como querendo acompanhar o ritmo com que, pela mão do Prof. José Vicente Barbosa du Bocage,

vinham progredindo entre nós os estudos de Ornitologia ultramarina, já nessa altura numa posição de grande destaque, com projecção internacional.

Em 1911, Seabra aparece de novo nesta breve resenha bibliográfica, agora como autor do *Catalogue Systématique des Vertébrés du Portugal, Oiseaux*, fechando assim um primeiro período de maior entusiasmo por tais estudos; e até 1924, data da publicação do livro de William Tait, *The Birds of Portugal*, pouco haverá a citar com algum interesse, nomeadamente

*Memórias e Estudos* deste Museu (Série I, N.º 65) uma obra de grande interesse, *Aves de Portugal (catálogo da Coleção do Museu Zoológico de Coimbra)*, nomeadamente pela síntese de conhecimentos que nela realizou.

De novo se quebra a continuidade dos estudos de Ornitologia em Portugal, para só voltar a aparecer o mesmo autor em 1952, agora publicando com o mesmo título, *Aves de Portugal, as chaves para a sua determinação (Memórias e Estudos do Museu Zoológico da Universidade de*



Indivíduos jovens de *Quelea*, prontos a iniciarem os primeiros voos — (Moçambique)

em comparação com tal obra, cujo mérito ainda hoje permite considerá-la como indispensável para quem se queira dedicar à Ornitologia entre nós.

Em 1926 e 1932, surgem os trabalhos de Reis Júnior, Conservador do Museu Zoológico da Universidade do Porto, cuja actividade como ornitologista muito o notabilizou, trabalhos entre os quais devo destacar o *Catálogo Sistemático e Analítico das Aves de Portugal* (Porto, 1930).

Pouco depois, em 1933, António Themido, Naturalista do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra, publicou nas

*Coimbra*, N.º 213), com que terminou a sua actividade como ornitologista, pouco antes de falecer.

Por essa altura, 1953, inicia o Prof. Santos Júnior os seus trabalhos de anilhagem, nomeadamente no Norte, trabalhos que vieram a ampliar-se e a generalizar-se, representando hoje uma tarefa de grande vulto e interesse.

Com a ajuda de numerosos colaboradores espalhados por todo o País e com a criação em 1957, pela Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, da *Reserva Ornitológica do Mindelo*, pôde

o Prof. Santos Júnior dar até agora uma notável contribuição para o melhor conhecimento da fauna ornitológica de Portugal continental, além do interesse internacional das observações realizadas sobre as espécies migradoras, na rota das quais Portugal está englobado, ou que vêm até nós nidificar.

Dados os primeiros passos isoladamente, mas criado um núcleo de entusiasmo irradiante, ao seu fundador vieram juntar-se outros Biologistas, tais como Agostinho Isidoro e Osvaldo Freire, autores hoje duma já vasta bibliografia, publicada na sua maior parte nas *Publicações do Instituto de Zoologia «Dr. Augusto Nobre»*, ou em edições várias da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas.

Entretanto o Prof. Germano Sacarrão da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, vem também dar a sua contribuição para o progresso da Ornitologia e sua maior divulgação em Portugal, contribuição iniciada em 1953, e mantida até hoje, sendo autor, além de outros trabalhos, de dois livrinhos da Colecção *Natureza*, *O Mundo das Aves* (N.º 3) e *Aves de Caça e sua biologia* (N.º 6).

O panorama actual desse sector diferenciado da Zoologia entre nós é assim bem diferente, e embora não se tenha atingido o limite desejado, já começa a sentir-se uma maior segurança em algumas resoluções a tomar no sentido de se encontrar a melhor solução de alguns problemas técnicos de Cinegética.

Para tanto também têm contribuído os Engenheiros Silvicultores, como são exemplo Fernanda Heitor, cujo Relatório final do curso versou sobre um assunto do maior interesse, análise do conteúdo dos papos de algumas espécies de Aves mais comuns nos montados alentejanos atacados pelo Burgo, e Flores Bugalho, este último ainda aluno, autor do trabalho *Migrações de Aves. Algumas espécies migratórias com interesse cinegético em Portugal*, publicado no *Agros* (N.º 3, Ano XLVI, 1963).

E por último, neste balanço sumário de alguns factos mais notáveis, traduzidos acima de tudo pelas publicações correspondentes, há a assinalar da fundação da Sociedade Portuguesa de Ornitologia, também da iniciativa do Prof. Santos

Júnior, cujos estatutos já foram aprovados, devendo dar assim início muito brevemente às suas actividades culturais.

O balanço final de quanto foi apontado não permite chegar às conclusões muito optimistas; aparte as soluções de continuidade dos estudos respectivos, feitos em períodos distintos sob a influência de um entusiasmo individual, a todos os entusiastas faltou sempre quanto seria preciso para tirar o máximo partido da oportunidade e tentar a projecção de seu esforço através de uma escola que evitasse essas tão grandes e inconvenientes oscilações.

Apesar de tudo alguma coisa resultou de tais esforços e, pelo menos do ponto de vista sistemático, a tarefa que cabia aos Biologistas está por assim dizer arrumada. As maiores lacunas verificam-se na Ecologia, para a qual contudo os trabalhos orientados pelo Prof. Santos Júnior estão dando valiosa contribuição, embora num sector muito restrito da mesma.

Quem se dedique à Ornitologia em Portugal, embora interessando-se apenas pelo caso metropolitano continental, não deixará de procurar na bibliografia estrangeira as muitas informações úteis que ela lhe poderá fornecer, tanto mais que parte da fauna ornitológica tem carácter internacional, dada pelos seus movimentos migratórios.

Seria razão bastante para ser justificada alguma sugestão a fazer ao leitor a seu propósito; limitar-me-ei contudo apenas ao caso espanhol, por ser o mais próximo do nosso.

Lembro assim a obra de Augusto Gil Lletget, *Sinopsis de las Aves de España y Portugal*, publicado nos *Trabajos del Instituto de Ciencias Naturales José de Acosta*, Tomo I, N.º 2, 1945, Madrid, e a *Revista Iberica de Ornitologia, Ardeola*, esta última órgão da *Sociedad Española de Ornitologia*.

Por mais que se insista na necessidade de dar um fundamento científico mais seguro às resoluções técnicas a que a política de fomento vem obrigando, não há

maneira de convencer quem se encontra empenhado no sucesso dessa politica de que esta, sem esse fundamento, tem um interesse público muito limitado, se não lhe for até contrário.

Tal luta por um ponto de vista tão pouco agradável para quem não quer ver entraves à sua frente, não pode contudo deixar de se manter acesa enquanto não houver pelo menos a curiosidade de averiguar qual é a razão de ser de um ponto de vista tão persistente e calorosamente defendido.

E' esta desligação entre politicos e

estes últimos são dados os recursos necessários para realizarem por seu lado as tarefas que mais directamente lhes dizem respeito.

Como querem os politicos e os técnicos, por exemplo, resolverem os tão complexos problemas da Cinegética se, no caso das Aves, tão pouco se sabe ainda entre nós da ecologia própria?

Comece-se por desenvolver os estudos de Ornitologia, embora condicionando-os tanto quanto possível a um programa previamente estabelecido de acordo com as necessidades mais prementes dos



Alguns exemplares mortos pelo combate aereo — (Moçambique)

técnicos, e entre estes e cientistas, que mais me preocupa ao acompanhar forçadamente a evolução dos acontecimentos, nomeadamente aqueles que ao Fomento dizem respeito, entre nós.

Desde há muito que defendo a necessidade de uma mais íntima colaboração de Engenheiros Silvicultores e Agrónomos com os Biologistas, uma vez que a actividade técnica dos primeiros se fundamenta, na maior parte das vezes, nos trabalhos feitos pelos últimos; pois nem essa colaboração se organiza nem a

técnicos, e só depois daqueles darem os seus frutos será possível aos últimos actuarem com a eficiência que lhes exigem.

Embora se tenha mostrado que no nosso Pais, nomeadamente numa última arrancada, esse ramo da Zoologia está em franco progresso, a verdade é que quanto se sabe não chega ainda para permitir aos técnicos corresponderem às grandes responsabilidades que pública e profissionalmente lhes cabem.

(Conclui na pág. n.º 182)

## Algumas considerações

# SOBRE O MÍLDIO DA VIDEIRA

Por

B. H. CORREIA FERNANDES

Eng. Agrónomo

**A** viticultura tem, no nosso país, uma enorme importância económica. Todas as práticas culturais e todas as medidas fitossanitárias que conduzam ao bom desenvolvimento e a uma adequada protecção das videiras são sempre de encorajar, pois elas condicionam, em parte, o êxito ou o fracasso da actividade de produção vitícola. O mildio encontra-se entre as doenças da videira que, actualmente, maiores prejuízos pode causar, comprometendo, deste modo, o equilíbrio económico das respectivas explorações. Parece-nos, por este facto, oportuno recordar um certo número de aspectos relacionados com o mildio, a fim de os viticultores poderem fazer frente ao ataque da vinha por esta doença. O interesse destas considerações aumenta quando, como é o caso, se vai aproximando a época do seu aparecimento.

### Desenvolvimento da doença

Os ovos de Inverno, provenientes de ataques anteriores, mantêm-se nas folhas mortas, espalhadas pelo solo, não sendo destruídos pela influência dos agentes atmosféricos. Desde que se verifiquem condições microclimáticas favoráveis, estes ovos atingem as folhas e penetram no seu interior. Uma vez instalados no interior das folhas, a sua vida depende dos elementos nutritivos que rouba às próprias folhas, prejudicando o seu desen-

volvimento. E daqui espalha-se por outras folhas e outras cepas, desde que as condições externas de tempo continuem favoráveis ao desenvolvimento da doença.

### Condições que favorecem o aparecimento

Como se disse, no início da Primavera existem apenas os ovos no solo, levados pelas folhas que no ano anterior foram atacadas pelo mildio. Esta doença só se desenvolve se tiver possibilidades de passar do solo para as folhas. Esta passagem é facilitada pelas *lavouras* e *mobilizações do solo*. Mas só isto não basta. Precisa também de ter uma certa humidade à sua volta e temperatura relativamente quente (aproximadamente 12°). Por isso, o perigo de ataque surge no *início da Primavera, quando caem as primeiras chuvas*.

### Sensibilidade das folhas

As folhas jovens são as mais sensíveis ao ataque de mildio. Sendo assim, é nas primeiras fases do desenvolvimento foliar que se devem ter os maiores cuidados, fazendo incidir sobre elas a devida vigilância e os tratamentos adequados.

No Outono, porém, verifica-se uma diminuição de resistência das folhas adultas, o que pode contribuir para o apare-

cimento da doença, originando-se aquilo que se usa designar por mildio do Outono.

### Sintomas da doença

De um modo geral, e considerados no seu conjunto, o mildio caracteriza-se pelos seguintes sintomas visíveis:

manchas amareladas e arredondadas sobre as folhas; uma poeira esbranquiçada na página inferior destas; nos ramos aparecem manchas brancas, sobretudo próximo dos nós; e, finalmente, uma poeira cor de cinza ou ligeiramente castanha sobre os cachos.

Nos ataques de Outono, surgem pequenas manchas ao longo das nervuras secundárias, com diferentes tonalidades de cor, desde o verde ao amarelo.

### Meios de luta

Há um certo número de práticas culturais que podem impedir o desenvolvimento da doença ou pelo menos reduzir as suas possibilidades de contaminação. Como dissemos anteriormente, a humidade é um factor importante para esta contaminação se verificar. Por conseguinte, todas as práticas culturais que impeçam a formação de uma humidade elevada à volta das videiras só podem vir em benefício destas e contrariar ou diminuir as possibilidades que favorecem o desenvolvimento do mildio. Convém, pela razão que acabamos de apontar, escoar as águas das chuvas.

Por outro lado, como se disse, a doença só se desenvolve quando os ovos passam do solo para a videira. Deve-se, por isso, ter os cuidados necessários de modo a que os sarmentos e folhas não fiquem em contacto com o solo, levantando ou suprimindo os mais baixos, na altura devida, isto é, antes de caírem as primeiras chuvas primaveris.

Devem-se eliminar os primeiros focos de contaminação, isto é, as primeiras folhas atacadas, arrancando-as e queimando-as. Esta prática é muito importante e muitas

**Todo o lavrador português tem inúmeras vantagens em assinar a *Gazeta das Aldeias*. Aconselhe-a aos seus amigos, a quem ela possa interessar.**

vezes suficiente para reduzir a gravidade do ataque.

Mas, como se tem verificado, estas práticas culturais só por si são insuficientes para impedir o aparecimento do mildio. Torna-se, por este facto, necessário lançar mão de produtos químicos de modo a garantir uma protecção conveniente da vinha.

Contudo, deve-se ter sempre presente um aspecto importantíssimo: *os tratamentos químicos são preventivos, isto é, devem-se fazer antes de se dar a penetração no interior das folhas ou órgãos verdes*, para na verdade se conseguirem resultados satisfatórios. Caso contrário, isto é, já com a doença bem instalada nas folhas, pouco ou nada há a fazer.

### Produtos empregados

Há dois tipos de produtos recomendados no combate preventivo do mildio: os produtos minerais e os produtos orgânicos.

Entre os produtos minerais, os mais importantes são o *oxicloreto de cobre* e a *calda bordalesa a 2%*.

Esta calda bordalesa tem de ser convenientemente preparada a fim de não provocar queimaduras na folhagem das plantas. Por isso se recomenda que se sigam à risca as instruções dadas para a sua preparação.

Desde que aplicados na altura devida, tanto um como outro produto, isto é, tanto o *oxicloreto de cobre* como a *calda bordalesa* protegem convenientemente a vinha.

Entre os produtos orgânicos citam-se vários, como seja a *captana*, o *zinebe*, a *mistura oxicloreto de cobre + zinebe*, o *manebe* e o *mancozebe*. A *captana* adere pouco às folhas e tem, além disso, uma fraca estabilidade. Obriga, por este facto, a um maior número de tratamentos. Mas,

por outro lado, dá uma boa protecção aos cachos. O zinebe, e especialmente a mistura de oxiclreto de cobre + zinebe compara-se à calda bordalesa a 2 o/o. Quanto aos produtos à base de manebe e mancozebe, aplicados numa concentração de 200-300 gramas de substância activa por hectolitro, dão uma protecção às folhas e cachos igual ou superior à da calda bordalesa a 2 o/o. Os produtos acabados de referir — à base de manebe, mancozebe, zinebe e mistura de oxiclreto de cobre + zinebe — além de apresentarem uma eficácia comparável à da calda bordalesa a 2 o/o, oferecem, sobre esta, a vantagem de ser mais fácil e exigir menores precauções a preparação da respectiva calda. Por outro lado, no período de floração, ou quando esta se aproxima, deve-se evitar o uso da calda bordalesa visto que o cobre tem um efeito nocivo sobre o pólen. A mesma recomendação estende-se ao oxiclreto.

### Época de tratamentos

O perigo de contaminação aparece, normalmente, depois das primeiras chuvas da Primavera. O ideal seria, por conseguinte, realizar os tratamentos tempo antes delas caírem, o que se torna difícil prever exactamente. Em face disso, executam-se os tratamentos com intervalos de 15 dias, desde que a temperatura comece a aumentar e haja o perigo de chover. Contudo, em certos casos, quando é grande a intensidade de ataque ou a velocidade de crescimento dos sarmentos assim o exigir, diminui-se aquele intervalo, de acordo com as necessidades fitossanitárias em causa.

### Modo de aplicação

Não é suficiente fazer tratamentos com um produto que a experiência provou ser eficaz no combate do mildio. O modo de realizar esses tratamentos, isto é, a maneira como se aplica a calda é, por vezes, mais importante — ou pelo menos tão importante — para uma boa eficácia como o próprio produto escolhido.

Um dos aspectos fundamentais a ter em conta nestas considerações é que a contaminação das cepas se faz pelas pá-

ginas inferiores das respectivas folhas. Há, por isso, toda a vantagem que o jacto da calda atinja a página inferior das folhas a fim de se poder obter um bom resultado no combate desta doença. A *pulverização* satisfaz, de um modo geral, esta exigência, sobretudo quando as videiras têm pouca vegetação. Nos casos em que assim não aconteça, quer dizer, quando as videiras têm bastante folhagem, a vantagem recai sobre a *atomização*, em virtude de a corrente de ar (que, nos atomizadores, serve para a dispersão da calda) permitir uma melhor distribuição e repartição da calda sobre as diferentes partes das plantas e, simultaneamente, pela agitação da folhagem que provoca, proporcionar que o jacto atinja mais facilmente as páginas inferiores das folhas.

Tendo em conta as considerações acabadas de referir, isto é, se se tiver bem presente a época em que se dá o ataque do mildio, as condições em que se verifica o seu desenvolvimento, os cuidados na condução das práticas culturais, os produtos a utilizar e o modo de os aplicar, é possível enfrentar as dificuldades provocadas por esta doença e conseguir uma vinha convenientemente protegida.

---

## Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo  
Serviço Meteorológico Nacional

1.ª década (1-10) de Fevereiro de 1966

### Influência do tempo nas culturas

As searas apresentam em regra excessivo desenvolvimento foliar, fraco afinamento e estão a amarelecer em alguns locais por excesso de humidade do solo. Os favais e ervilhões têm aspecto pouco satisfatório no Alentejo e no Algarve. As culturas forrageiras e as pastagens continuam a desenvolver-se bem. Amendoeiras, ameixeiras e outras espécies frutíferas estão a florir, principalmente a sul do Tejo.

O rendimento dos trabalhos agrícolas foi pequeno, e nos períodos de bom tempo fizeram-se sementeiras de cereais praganosos, plantações de batata, colheita de laranja, tangerina e limão, podas, mondas, etc.

# TEMAS DE ARBORICULTURA

## NUTRIÇÃO MINERAL

### 4 — O Zinco

Por ÓSCAR REIS CUNHA  
Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2561, pág. 143)

#### O papel fisiológico do zinco. Como se manifestam as deficiências

O zinco é considerado um elemento indispensável à nutrição das árvores de fruto. Entra na composição de certas enzimas de oxidação e retarda a destruição das *auxinas* (substâncias de crescimento) elaboradas pelas folhas. O desaparecimento rápido das auxinas, causado pela deficiência deste micronutriente, origina um desenvolvimento reduzido dos ramos. Os entre-nós ficam muito curtos; as folhas apresentam-se agrupadas em *roseta* <sup>(1)</sup>, estreitas e muito pequenas <sup>(2)</sup> (M. Coutanceau, Arb. Fruitière. J. B. Baillière, 1962).

#### Macieira

A carência de zinco manifesta-se pelos sintomas atrás descritos de «roseta», folhas pequenas e estreitas. Na *Golden Delicious* notam-se por vezes manchas cloróticas no limbo, em contraste com o

verde escuro dos tecidos que envolvem as nervuras. As folhas das extremidades



Deficiência de zinco. Folhas de macieira em roseta

(1) «rosette» (em francês e inglês).

(2) «little leaf» (inglês).

dos ramos são mais estreitas, as margens ligeiramente dobradas e onduladas (D. Mulder, Fatis).

## Citrinos

O aspecto mais frequente é o aparecimento de manchas cloróticas de contorno irregular entre as nervuras secundárias. A separação entre o tecido são verde escuro e o clorosado é geralmente nítida. Acentuando-se a deficiência as folhas tomam um aspecto mosqueado ou



Deficiência de zinco. Folhas de laranjeira

sarapintado muito característico («mottle-leaf» dos anglo-saxões); as mais jovens ficam consideravelmente estreitas, ponteadas e de tamanho reduzido. Nos casos graves os ramos apresentam uma forma emanjericada ou arbustiva, com folhas muito próximas umas das outras e com tendência para a posição erecta. A intensificação da carência pode provocar a morte de alguns lançamentos e dos ramos mais pequenos.

Na *pereira* têm sido descritas rosetas com folhas pequenas, cloróticas e com a margem ligeiramente dobrada.

No *pessegueiro* são sintomáticos os aspectos de clorose acentuada, ficando apenas verdes as nervuras e os tecidos vizinhos. Registam-se, também, folhas dobradas em goteira com a margem ondulada (R. Dickey).

Em relação às várias espécies, nos casos benignos, podem diagnosticar-se cloroses sem o aparecimento de «rosetas» e a produção parece não ser atingida. Nos graves observa-se perda de folhas, morte dos ramos e frutos pequenos e deformados.

Nos *citrinos* a produção é afectada em quantidade e qualidade. Os frutos apresentam-se pequenos, com casca muito lisa e de cor clara.

A deficiência de zinco manifesta-se, em geral, com maior intensidade numa parte da copa. Chapot<sup>(1)</sup> refere que nos citrinos as folhas mais carenciadas localizam-se do lado Sul<sup>(2)</sup>. Este facto é também descrito na Califórnia e tem sido notado no Algarve.

### Causas das deficiências de zinco

As carências de zinco manifestam-se, em geral, em solos ligeiros (arenosos) ou em solos pesados, calcários.

O zinco encontra-se frequentemente no solo sob forma não assimilável. Naude<sup>(3)</sup> da Estação de Nelspruit (África do Sul), afirma que esta deficiência é típica em todas as áreas de citricultura e conclui poder-se chegar praticamente à conclusão que os citrinos não absorvem do solo uma quantidade conveniente deste elemento.

O gráfico da figura a seguir representada explica como o pH afecta a solubilidade e assimilação do zinco.

Do seu exame sobressai que a zona de maior assimilação corresponde a um pH oscilando entre 5 e 7, isto é, neutro ou moderadamente ácido.

Acima de pH 8 (solos alcalinos) há uma quebra acentuada de assimilação, verificando-se também esta circunstância a um pH inferior a 5 (muito ácido). Portanto, as condições extremas de alcalinidade e acidez não são favoráveis à assimilação do zinco.

O *calcário* em excesso, imprimindo alcalinidade elevada ao meio prejudica a sua assimilação e é uma das causas fre-

(1) Chapot, H., et Delucchi, V. L. — Maladies, troubles et ravageurs des agrumes au Maroc, Rabat, 1964.

(2) Do lado Norte para o manganês.

(3) Naude, C. J. Fertilisation of Citrus. Farming in South Africa, August, 1954.

quentes de carência de zinco nos pomares de citrinos no Algarve.

As *calagens* intensas provocam muitas vezes deficiências deste micronutriente.

Cita-se como factor que pode contribuir para acentuar as deficiências de zinco o excesso de *fósforo* no solo, em consequência de fortes incorporações de adubos ricos neste elemento. O aumento da concentração de fosfatos frena a assimilação do zinco por antagonismo.

O emprego quase exclusivo de adubos sintéticos, em detrimento dos adubos naturais e estrumes, é mais um factor que pesa na apreciação global das causas de deficiência.

O *calor* e principalmente a *luminosidade* favorecem as carências de zinco. Chapman e outros autores afirmam que na Califórnia a alta intensidade luminosa acentua as carências de zinco dos citrinos. Em relação ao nosso País este facto tem importância no Algarve e Ribatejo.

Em resumo: as carências de zinco manifestam-se principalmente em terras ligeiras e pesadas, com pH elevado (calcárias), enriquecidas com ácido fosfórico. Os solos muito ácidos (pH inferior a 5) podem igualmente provocar deficiências.

### Espécies onde a deficiência de zinco tem sido observada

Deficiências em citrinos têm sido descritas na Florida e Califórnia por Batchelor e Chapman; na África do Sul por Naude, Beyers e Joubert e em Marrocos por Chapot.

Em Portugal têm sido observadas carências em pomares de citrinos instalados em solos arenosos no Ribatejo e em solos calcários no Algarve.

Chapot (obra cit.) refere que as laranjeiras e as clementinas (variedade de tangerina) são dentro do agrupamento dos citrinos das espécies mais sensíveis. Revelam-se menos as toranjeiras e as tanjeiras.

## Antagonismos e sinergismos em relação ao zinco

### Factores de antagonismo:

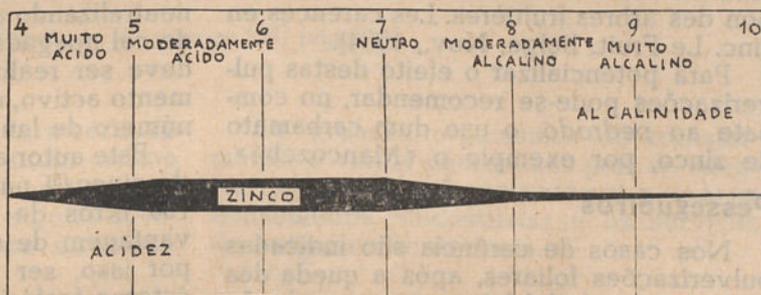
— Adubações fosfatadas em doses excessivas que enriquecem o meio em fósforo e diminuem a assimilação do zinco.

— Fortes calagens que elevam o pH e prejudicam a absorção do zinco.

— Luminosidade intensa. A carência é mais acentuada do lado da copa mais exposto ao sol.

### Factores de sinergismo:

— Emprego de estrumes e adubos de reacção fisiológica ácida em solos calcários.



Adaptação do diagrama de Truog

— Calagens em solos muito ácidos (pH inferior a 5).

— Uso de fungicidas à base de carbamato de zinco como o «Zirame» e o «Mancozebe».

## TRATAMENTOS

### Macieiras

Os melhores resultados têm sido obtidos com *pulverizações da casca*, durante o período de repouso vegetativo (no fim do Inverno), pouco antes da rebentação, com uma calda de *sulfato de zinco* de 3 a 5% (3 a 5 kg para 100 litros de água). Estas pulverizações devem ser renovadas anualmente até que os sintomas de carência desapareçam.

Considera-se que a penetração do nu-

triente se efectua pelas feridas da poda e fendas da casca, que se formam antes da rebentação. A cerejeira e o pessegueiro respondem mal a estas aplicações (S. Trocmé. Fumure Foliaire. Arb. Fruitière, n.º 89-90, 1961).

As pulverizações das folhas, efectuadas após a floração, são também indicadas (1). Usa-se o sulfato de zinco a 1% (1 kg para 100 litros de água), tendo o cuidado de neutralizar a acidez da calda, adicionando metade do peso da cal apagada. Em geral duas aplicações, com o intervalo de 1 mês, são suficientes. Devem ser renovadas no ano seguinte.

As pulverizações da folhagem são menos eficazes e têm o risco de poder provocar queimaduras, quedas de folhas ou de frutos jovens e «russeting» (S. Trocmé. Le zinc dans la nutrition et fertilisation des arbres fruitiers. Les carences en zinc. Le Fruit. Belge, Nov., 1964).

Para potencializar o efeito destas pulverizações pode-se recomendar, no combate ao pedrado, o uso dum carbamato de zinco, por exemplo o «Mancozebe».

### Pessegueiros

Nos casos de carência são indicadas pulverizações foliares, após a queda das pétalas, em Abril-Maio, com uma solução de sulfato de zinco a 0,4-0,5% (400 a 500 gr para 100 litros de água), incorporando metade do peso de cal apagada.

### Citrinos

As pulverizações foliares constituem o melhor método de corrigir a carência.

Chapot (obr. cit.) aconselha as seguintes fórmulas:

- a)
- |                                 |            |
|---------------------------------|------------|
| Sulfato de zinco a 23% de zinco | 600 gramas |
| Cal ou Carbonato de sódio . . . | 300 gramas |
| Água . . . . .                  | 100 litros |
- b)
- |                                 |            |
|---------------------------------|------------|
| Sulfato de zinco a 36% de zinco | 375 gramas |
| Cal ou Carbonato de sódio . . . | 300 gramas |
| Água . . . . .                  | 100 litros |

Deve-se adicionar um molhante. A ureia (2) a 0,5% tem uma acção sinérgica com o sulfato de zinco.

(1) Nos casos em que não se realizou o tratamento no repouso vegetativo.

(2) Empregar uma ureia com fraca percentagem de biureto para evitar queimaduras.

Segundo este autor os tratamentos devem ser realizados na fase de rebentação primaveril. Os resultados, caracterizados por um intenso reverdecimento, são visíveis um ou dois meses após o tratamento. Nos casos graves aconselha um segundo tratamento e, nos anos seguintes, uma aplicação anual de manutenção, com doses inferiores às indicadas no tratamento de choque.

Beyers e Joubert (1) preconizam pulverizações com 300 a 500 gr de sulfato de zinco, para 100 litros de água, juntando metade do peso de cal apagada. Recomendam que a aplicação seja executada durante o crescimento primaveril, repetindo o tratamento, se necessário, um ou dois meses mais tarde.

Naude (2) propõe a aplicação de 500 gr de sulfato de zinco para 100 litros de água, neutralizando a acidez da calda com 250 gr de cal apagada. Friza que a pulverização deve ser realizada no período de crescimento activo, quando se produz um maior número de lançamentos e folhas.

Este autor aconselha, também, o óxido de zinco (3) na dose de 100 a 150 gr para 100 litros de água. Este produto tem a vantagem de dispensar a cal e de poder, por isso, ser usado juntamente com os ésteres fosfóricos, no combate aos *Trips*, praga frequente e grave nos laranjais da África do Sul. A aplicação é em geral feita quando  $\frac{3}{4}$  das pétalas caíam.

Ocorrendo deficiências duplas de zinco e manganês pode ser empregada a seguinte fórmula:

Sulfato de zinco . . . . .	500 gramas
Sulfato de manganês . . . . .	300 »
Cal apagada . . . . .	300 »
Molhante . . . . .	q. s.
Água . . . . .	100 litros

O sulfato de zinco forma um precipitado branco sobre as folhas e frutos, desaparecendo destes só passados dois meses.

(Continua)

(1) Beyers, E. and Joubert, G. F. Mineral Deficiencies in Citrusdal Area. Farming in South Africa, Nov., 1952.

(2) Naude, C. J. Fertilisation of Citrus. Farming in South Africa, August, 1954.

(3) É mais caro que o sulfato de zinco.

# O papel da vulgarização em face às modernas técnicas de comercialização dos produtos agrícolas

## A produção e a comercialização, não devem estar dissociadas da vulgarização

Por  
JOSÉ LUÍS PESSOA DA GRAÇA

(Conclusão do número 2561 pág. 145)

**V**AMOS dar agora por finda a série de artigos que, sob o título acima temos vindo a publicar, e esperançados ficamos de que deles algo se aproveite para o bom andamento da nossa agricultura.

**Um organismo de comercialização moderno tem necessariamente de ser de grandes dimensões?**

Graças ao emprego de técnicas modernas, estão as grandes empresas de venda e transformação melhor equipadas para responder aos pedidos de um mercado moderno. Elas estão, com efeito vantajosamente mecanizadas e organizadas para a produção de uma gama completa de produtos, além de que estão à altura de procurar peritos mais qualificados e ainda por que a sua organização de vendas, publicidade e manutenção de normas de qualidade as coloca em melhor situação do que as organizações de tipos médio e pequeno.

No entanto, os grandes organismos de venda têm o inconveniente de mais difficilmente manterem contacto directo com a produção. É-lhes, pois, necessário recorrer em mais alto grau aos seus próprios conselheiros.

Os grandes organismos de transformação e venda necessitam, pois de adoptar uma cooperação estreita entre os seus conselheiros «industriais» e os serviços de vulgarização agrícola.

**As unidades médias de venda e transformação de produtos agrícolas podem, associando-se, responder às exigências dum mercado moderno**

A organização moderna da comercialização não exige obrigatoriamente que o conjunto dos produtos seja concentrado num único ponto de transformação e venda. No que respeita ao escoamento dos produtos agrícolas, trata-se menos de obter resultados excepcionais, como nos Estados Unidos, os quais nem sempre são aplicáveis na Europa, mas sim o de colocar no mercado importantes qualidades de produtos normalizados a preços competitivos e tão económicos quanto possível.

Estes fins podem ser obtidos por organismos especializados, de importância média, que possuam uma organização de venda comum. No caso do leite — o mais importante dos produtos agrícolas alemães — podem-se obter a rentabilidade e a qualidade desejadas ao estabelecerem-se

objectivos de produção a um grupo de leitárias, associadas entre si, bem como na aplicação de métodos modernos sem a necessidade de criação de leitárias centrais. A motorização na recolha, a especialização e a comercialização comum dos produtos provenientes dum certo número de leitárias provaram a sua eficácia. Neste caso, com efeito, a distância entre os produtores e a leitaria não aumentou, pois cada leitaria se pode dedicar à produção de alguns produtos especializados que um organismo comum se encarrega de armazenar e vender.

O mesmo sucede com a carne, para a qual não é necessária a criação de importantes centros de comercialização.

Partindo-se dos mercados locais e dos matadouros comunais já existentes, estes podem muito bem tornarem-se centros de distribuição perfeitamente adaptados às exigências actuais. O essencial é a de fornecer um produto normalizado, e isto é uma tarefa que incumbe ao serviço de vulgarização em conjunto com as associações de produtores e os serviços de fiscalização oficiais.

Verificou-se, na Alemanha, que os entrepostos de tamanho médio eram os melhores para assegurar o escoamento racional dos cereais. Após a colheita e a debulha, o produto é entregue em sacos, despejado nas tremonhas, limpo, seco e posto nos silos. Um sistema de silos de tamanho médio, repartidos pela região, apresenta a vantagem de limitar as distâncias e de reduzir o tempo de espera até ao momento da entrega.

No que respeita à batata, os agricultores não estão habituados a proceder à sua indispensável escolha.

Verifica-se neste sentido a utilidade das cooperativas ou de outros organismos comerciais organizados para assegurar a escolha dos produtos, utilizar os resíduos destinados ao fabrico de alimentos para gado, fornecer a batata de semente da qualidade desejada e mesmo — em numerosos casos — assegurar a luta contra os parasitas das plantas.

Na maioria dos casos, estes organismos estão protegidos por um sistema de encomendas e de entregas sob contrato. Na medida e até onde o produtor agrícola pode seguir e compreender o mecanismo

da venda dos seus produtos, ele não receia perder a sua independência e liberdade de decisão no que respeita à maneira mais económica de conduzir a sua exploração.

Os camponeses europeus resolverão o problema da saída dos seus produtos desde que eles estejam dispostos a criar as suas próprias organizações de mercado, através da utilização das cooperativas existentes e dos atacadistas, bem como os seus próprios circuitos de distribuição.

Incumbe a estas organizações pôr de pé centros de transformação racionais, armazéns modernos, criarem um sistema de publicidade comum e postos de venda centralizados.

A concentração de vendas deve, todavia, basear-se em princípio na especialização da exploração em função da vocação agrícola de cada região, e para tal conseguir deve recorrer ao auxílio dos serviços de vulgarização.

### Concentração de leitárias (\*)

A seguir apresentamos um quadro acerca da concentração leiteira, na Alemanha, nos períodos 1950-1955-1960:

Produção leiteira anual Toneladas	N.º de leitárias		
	1950	1955	1960
180-500 . . . . .	759	514	280
501-1000 . . . . .	541	461	332
1001-2000 . . . . .	590	544	440
2001-5000 . . . . .	898	899	772
5001-10 000 . . . . .	449	483	556
mais de 10 000 . . . . .	164	352	367
Total . . . . .	3401	3253	2747

Existem cerca de 2600 leitárias na Alemanha Ocidental. Este número é excessivamente elevado para permitir a cada uma destas empresas colocar-se num mercado de produtos alimentares, que se caracteriza pelas compras em massa e pela concentração. Existe pois a tendência das leitárias-cooperativas e

(Conclui na pág. n.º 182)

(\*) O termo «leitaria» designa, nos casos apresentados, «local onde se guarda o leite e se faz o queijo e manteiga, ou, mais propriamente, manteigaria e queijaria.»

# T R A B A L H O S E M M A R Ç O

Na rotina de todos os meses lembrar os trabalhos normais nos diversos sectores da actividade agrícola, quase se esquece que a Agricultura é uma actividade «a céu aberto», sujeita às inclemências do tempo.

E neste Inverno desastroso — rios a trasbordar, campos alagados, caminhos intransitáveis, muros que desmoronam e terras levadas pela enxurrada — tudo quanto se lembre, deve levar uma condicional, "se for possível".

Concluir tão breve quanto possível, a preparação das terras e para as sementeiras e plantações do mês lavrando, enterando estrumes e incorporando adubos e correctivos aconselháveis.

## NOS CAMPOS

Semear cereais previamente desinfectados: de pragana de Primavera (trigo tremês, seródio ou fino, aveia, centenico ou centeninho e cevada); milho temporão; arroz, nos lugares mais quentes; legumes (amendoim, ervilha, ervanço, chicharo e gero, lentilha e soja); forragens (luzerna, trevos branco e violeta, erva molar e língua de ovelha); e plantas têxteis (cânhamo e algodão) e açafreão.

Plantar batata de sequeiro e topinambo (tubérculos e rebentos).

Para a correcção da excessiva ligeireza das terras arenosas ou demasiada compacidade das argilosas, preconiza-se muitas vezes a mistura, respectivamente, de argila ou materiais arenosos. Porém,

se é fácil dizê-lo não o é fazê-lo, para mais se, para passar da teoria à prática, se mete pelo meio a economia. A mistura destes materiais será admissível se os correctivos, areia ou argila, se encontrarem a pouca profundidade da camada arável, de modo que a mistura seja praticável apenas com o aprofundamento da lavoura.

De qualquer forma, as correcções mais convenientes são sempre aquelas que se fazem, através da fertilização orgânica e química.



Adiantar a poda para não perturbar o recomeço da actividade vegetativa, reservando para estacas todos os ramos aproveitáveis — mais sãos, mais grossos e mais direitos, e ainda troços de pernadas.

Limpar, de musgos e líquenes, troncos e pernadas com raspadores e escovas de arame e piaçaba e aplicar-lhes calda férrica forte, ou barrela de cinza e cal a 5% de cada produto.

Plantar agora, **NOS OLIVAIS** ao máximo, especialmente nas zonas mais frias, tendo o cuidado de estacar e proteger contra inimigos.

Decruar onde não haja consociação de Outono e estravessar onde já se tenha decruado, com charrueco, charrua de deslavra, grade de molas, etc..

Continuar a adubar ou aplicar correc-

tivos, tendo presente que a oliveira é uma das árvores que retribuem mais generosamente.



Terminar a poda nas zonas mais frias e nos sítios que sejam mais atreitos a geadas tardias.

Intensificar a empa, aproveitando a subida da seiva que muito facilita a gemadura.

Enterrar os adubos e correctivos com as mobilizações do terreno, incluindo os cevalhos de leguminosas, desde que estejam suficientemente altos e ainda que não em floração, aplicando ao mesmo tempo gesso nas terras pobres de cal para facilitar a decomposição.

## NAS VINHAS

Ter sempre presente que o emprego de estrumes verdes é contra-indicado em zonas onde sejam de temer verões secos.

Adiantar as plantações e as renovas ou retanchas.

Enxertar com as castas mais apropriadas, recorrendo às colecções oficiais, que oferecem todas as garantias para a obtenção de garfos.

Cavar ou lavar por tempo enxuto, empregando nas vinhas alinhadas e suficientemente afastadas, o conhecido charrucco, que faz serviço expedito e satisfatório.



Concluir a poda das fruteiras de pevide, e das figueiras e adiantar as de espinho. Terminar também a limpeza — as raspagens e as aplicações das caldas apropriadas e que o estado sanitário do pomar aconselhar.

Adubar, com adubos apropriados, as diversas fruteiras, especialmente as de pevide e as figueiras, havendo possibilidade, e, pelo menos, aplicar às laranjeiras cal em pó ou ainda em leite.

Terminar a plantação das várias fruteiras, sobretudo as de pevide, e a de

figueiras, e continuar a das citranjeiras (laranjeiras, limeiras, limoeiros, tangerineiras e torangeiras). Não esquecer as adubações de fundo à plantação.

Mergulhar marmeleiros e macieiras e alporcar os citrinos.

Aplicar estacas ou tutores às árvores novas para crescerem direitas, protegê-las com uma capa de palha, etc., contra os utensílios da lavoura e o dente dos animais.

Enxertar as prumagens e as árvores adultas de má qualidade — pereiras, macieiras e anoneiras.

Aplicar, às laranjeiras e similares emulsões oleosas depois da floração.



Semear ainda as sementes estratificadas de amendoeira, ameixoeira, cerejeira, damasqueiro, oliveira.

Plantar estacas de ameixoeira, figueira, marmeleiro, macieira, oliveira, e, ainda videira.

Enxertar videiras (na mão ou no chão) e outros padrões semeados ou plantados no ano anterior, empregando os conhecidos, e fáceis de preparar, unguentos que aumentam ou facilitam o pegamento.

## NOS VIVEIROS

Sachar ou mondar os canteiros povoados do ano transacto e picar, quando o tempo se apresentar seco, os das sementeiras do mês anterior.

Nos viveiros florestais: proceder ao transplante das árvores, dando-lhe o compasso conveniente — 10 a 15 cm às resinosas do 1.º transplante e os espaçamentos convenientes às folhosas, consoante a idade e desenvolvimento.

Proceder às podas radiculares quando dos transplantes. Proceder igualmente às podas de formação e limpeza quando necessárias.

Assim que o tempo o permita preparar com cuidado as terras para as sementeiras de Primavera e nas regiões mais quentes começar com a sua execução.

Semear, em canteiros devidamente preparados, coníferas ou resinosas — abetos, cedros, ciprestes ou cupressos, larício, pinheiro de Alepo, da Áustria, silvestre, sequóias, taxódio ou cipreste da Luisiânia, teixo e tuia; folhosas — amoreira, acácias, austrália, bordo, eucalipto, plátano, robinia, palmeiras — areca, coqueiros, chamaerops, fenix, quencia.

Proteger, pelo menos durante a noite, os canteiros das sementes mais delicadas.



Semear ainda matos melhoradores, como as giestas, o piorno, o tagassato e os tojos, com os cereais de Primavera, ou estremes, em terreno livre ou nas clareiras dos existentes, aplicando uma adubação fosfatada.

Continuar a roçar, para a produção intensiva de estrumes.

Aplicar gesso em cobertura em seguida ao corte, sobrevivendo chuva.



Semear, em lugar definitivo: pinheiros bravos, mansos, silvestres e acácias.

## NAS MATAS

Terminar as plantações.

Procede-se à resinagem dos pinhais.

Continua a apanha e extracção de semente de pinheiro bravo.

Limpar as matas de todas as árvores derrubadas ou partidas, o que este ano se verifica em larga escala, não só devido às chuvas intensas, como aos ventos fortes que ultimamente tanto se tem feito sentir.



Continua a preparação do terreno com cavas ou lavras, adubações e correcções fortes.

Vigiar as camas quentes para as arejar se o tempo aquecer, levantando os caixilhos ou as coberturas (esteiras ou colmados); e ventilar também os tepidários de papel ou vidro.

Semear: em viveiro, — no chão, cebola ou cebolinho (alfaces, acelgas, cardos, couves — flor, galega, portuguesa e couvão, repolhos, nabiças, beterraba, escor-

## NAS HORTAS

cioneira); em cama quente, beringelas, pimentos, quiabos, tomates; em vasos, para ulterior transplantação, abóboras, cabaças, pepinos, melões.

Semear, em lugar definitivo: ervilha, fava precoce, feijão, cenouras, nabos temporãos, rabanetes, espinafre e ainda abóboras, cabaças, melões, pepinos.

Pôr a grelar batata comum em grades e batata doce em cama quente.

Plantar alhetas (chalotas), tubérculos (batata e tupinambo), verduras, (acelga, alface, couves — galega, flor, repolho, penca da Póvoa e portuguesa, alcachofras, espargos e morangueiros.

Plantar, para semente, cebolas, cenouras e beterrabas.



É regra geral visitar as colmeias pela primeira vez, nos princípios de Março. Nesta primeira visita deve prender-nos a atenção a presença da mestra, a quantidade de provisões e o espaço que a colónia tem à sua disposição.

Para verificar a presença da mestra não é preciso procurá-la e vê-la; basta atentar na criação e ovos, que não devem, nesta altura, faltar em nenhuma das colmeias. A existência da criação e ovos é sinal certo da presença da abelha-mãe.

O único engano possível seria o da confusão da mestra com uma obreira-podeira, para os que observam de leve e à pressa.

## NO APIÁRIO

Tal confusão não é possível se se reparar bem para o feito dos opérculos

que cobrem a criação e para a distribuição dos ovos nas células.

Faltando a mestra, introduz-se uma nova ou reúne-se a colmeia órfã a outra colmeia.

A quantidade de mel reconhece-se com extrema facilidade, mas não deve o observador deixar de registar no livro de notas se a colmeia tem mais que o necessário, se apenas o suficiente ou menos do que o estritamente indispensável.

Esta anotação permite-lhe mais tarde, em caso de inverneira prolongada, fazer, sem hesitações, a repartição do que numas sobra pelas outras em que falta, ou então recorrer à alimentação artificial das que se encontram à beira da morte pela fome, sem poder receber auxílio das companheiras.

Finalmente, outro ponto para que se deve reparar é o espaço à disposição da colónia. Não deve ser insuficiente para o bem estar das abelhas ou grande de mais para o estado actual do seu desenvolvimento.

As entradas das colmeias fracas reduzem-se ao mínimo para que a temperatura no interior se conserve em grau favorável ao desenvolvimento da colónia.

Nas visitas subsequentes, que convém repetir de dez em dez dias, permitindo o tempo, se vai alargando o espaço, gradualmente, conforme os progressos das colónias, e abertura da entrada. Em certas localidades e em alguns anos de rebentação vegetal mais precoce já nos últimos dias deste mês se faz sentir a necessidade de colocação dos primeiros melários em algumas colmeias mais fortes.

Quando isto sucede, outro trabalho imperiosamente reclama pronta execução, e vem a ser o transvasamento dos cortiços para as colmeias móveis.

Quer feito pelo processo directo quer pelo processo de sobreposição, a sua indicação é formal se não desejarmos que os cortiços naturalmente enxameiem.

A preparação para a enxameagem principia também numa ou noutra das colmeias móveis mais fortes e populosas, devendo, por isso, ser objecto duma vigilância especial.

Na preparação da papa para as larvas, as abelhas empregam uma quantidade enorme de água.

Providencie cada qual para que ela não lhe falte nas proximidades do apiário, em lugar bem soalheiro e de fácil acesso.

★

Arejar para evitar o aparecimento do mofo.

Padejar para que os grãos não aqueçam com a elevação da temperatura e para que se não desenvolva a traça ou papinha e o gorgulho.

## NOS CELEIROS

Aplicar os melhores insecticidas do mercado, para combater o gorgulho, que provoca grandes estragos. Defender dos ratos pelo emprego da conhecida cebola albarrã ou dos vários raticidas do comércio.

★

Continuar o engarrafamento dos vinhos.

Atestar vasilhas ou preencher os vasilhos de gás sulfuroso, pelo menos com mechas ou com misturas de ácido tartárico e metabissulfito. Efectuar ainda alguma trasfega em atraso.

★

Passar a limpo o azeite que esteja descoalhado ou filtrando-o, o que é preferível.

Submeter as borras a aquecimento para lhes separar algum azeite mais grosso, que pode destinar-se ao fabrico de sabão se for elevada a sua acidez.

## NOS ARMAZÉNS DE AZEITE

**Propagar e difundir a «Gazeta das Aldeias» é um dever que se impõe aos que da Terra vivem.**

# Os cursos de aperfeiçoamento técnico na promoção da mão-de-obra resineira

Por ANTÓNIO MANUEL DA CUNHA LOPES  
Eng. Silvicultor  
da Junta Nacional dos Resinosos

**F**ONTE de duas valiosíssimas matérias-primas — madeiras e resina — o Pinheiro Bravo ocupa entre nós posição de relevância tão sobejamente conhecida que desnecessário se torna sobre ela nos determos. Bastará recordar, no que aos produtos resinosos respeita, ser Portugal o primeiro produtor e exportador europeu e o segundo do Mundo, após os Estados Unidos da América do Norte.

Tal posição, resultante mais dos favores da Natureza do que do apuro técnico a que a exploração dessa prestimosa essência florestal é submetida, impõe, para que não se dilua sob a pressão da concorrência mundial, vastas e sérias responsabilidades aos sectores encarregados de a defender, como incontestável fatora de riqueza e bem estar. A esses sectores competirá ordenar e zelar os povoamentos pinícolas, neles intervir desde a sua constituição aos aproveitamentos tecnológicos dos produtos; organizar e disciplinar em suma, em bases técnicas económicas e sociais aceitáveis, todo o circuito que lhe respeita, da produção à transformação e comercialização.

Em matéria de resinagem, embora a vastíssima legislação produzida evidencie séria tomada de consciência dessas responsabilidades, a verdade é que se processa muito arredia da normalidade exigível a uma actividade que interessa a mais de 100 000 proprietários florestais,

10 000 profissionais resineiros e a 72 fábricas destiladoras de resina.

O assunto, por tão vasto e complexo,



inibe aqui o tratamento de pormenor que merece e sobre o qual tanto estudioso do sector já se debruçou — sem que, até à data, algo de verdadeiramente válido se

tenha obtido para o seu urgente e geral saneamento. Parece no entanto incontroverso, sob qualquer óptica porque seja analisado, reputar-se como fundamental a questão que a seguir se põe.

Embora envolva características nitidamente florestais, só uma bem ínfima parcela da resinagem é executada por conta do proprietário do arvoredo; a grande maioria restante limita-se a permitir a outrem a extracção da resina, mediante contrato, quase sempre aleatório e inconsistente, de aluguer das suas árvores. A gema chega às fábricas destiladoras após todo o processo de extracção se desenvolver divorciado da Lavoura proprietária do pinhal. São os industriais destiladores e, modernamente, mas em diminutíssimo número, os empresários de extracção de resina, que asseguram a matéria-prima necessária à laboração, contratando directamente ou através de um seu número de intermediários mais ou menos legalizados o aluguer das incisões. Só a grande fragmentação da propriedade pinícola, em extremo enfraquecedora de qualquer tentativa de emancipação, obriga a Lavoura a permanecer marginal a uma actividade que, natural e lógicamente lhe deveria pertencer.

Tal situação possibilitou, desde sempre, graves problemas ligados à obtenção da preciosa matéria-prima, a resina, desde a proliferação de intermediários irresponsáveis entre o pinhal e a unidade destiladora até às práticas depredadoras do capital florestal do País, mercê de graves abusos verificados em relação às incisões abertas nos arvoredos, efectuadas sem o mínimo preceito técnico recomendável.

E se, perante tão caótica situação, em determinada altura os instrumentos legais, de certo modo rigorosos como se impunha, vieram à luz para evitar, ou sequer minorar, os prejuízos resultantes do vandalismo imperante, a verdade é que o ansiado desanuviamiento do negro quadro só foi um facto mercê da rápida divulgação, por toda a parte, do processo de resinagem química hoje em uso. Aquilo que uma estrutura artificial, afastada das realidades, e a força repressiva exercida através de aplicação de multas não conseguiram debelar foi caso resolvido pela introdução feliz de uma técnica extractiva

protectora do pinhal e de nítidas vantagens económicas.

Muito para além das medidas de protecção ao arvoredo, em exclusivo limitadas à obrigatoriedade de observância de determinadas normas de resinagem, o pinhal particular português, carecido de qualquer plano de ordenamento e exploração, deve talvez a sua sobrevivência, como essência florestal do maior interesse no panorama silvícola nacional, ao real avanço técnico que foi a introdução da resinagem química.

Na base desta histórica viragem da técnica extractiva está, sem sombra de contestação, todo o esforço então desempenhado pelas Brigadas da Junta Nacional dos Resinosos no campo da intensa e imprescindível preparação do pessoal resineiro. Esforço tanto mais meritório quanto é certo ter sido desenvolvido em clima menos propício, resultante de medidas legislativas que pretenderam retirar a competência técnica no sector da resinagem exactamente àquela equipa que, nesse capítulo, vinha trabalhando e especializando-se desde 1936, data do diploma orgânico da Junta que servia, e pelo qual se lhe conferira essa mesma competência.

Seja como for, a verdade é que das primeiras experiências com o processo, iniciadas em 1950 e incrementadas em 1952, se passou vertiginosamente à expansão da nova técnica por todo o País através da paciente e entusiástica adaptação da mão-de-obra resineira, levada a efeito por pessoal que conta, hoje em dia, nalguns casos, 27 anos de total dedicação à resinagem, no quadro técnico da Junta Nacional dos Resinosos.

Bastará atentar na eloquência do gráfico n.º 1 para se dar conta de como, perante tão rápido abandono do processo francês, verificado em escassas 6 campanhas, se conseguiu, com êxito, divulgar os preceitos da nova técnica adaptada, como convinha, às condições do pinhal português, e a ponto de, em tal capítulo, nos podermos considerar em posição de vanguarda.

Porém, a mão-de-obra resineira vem apresentando, de campanha para campanha, frágeis características de permanência, factor este tido como necessário a uma conveniente especialização. Tal flu-

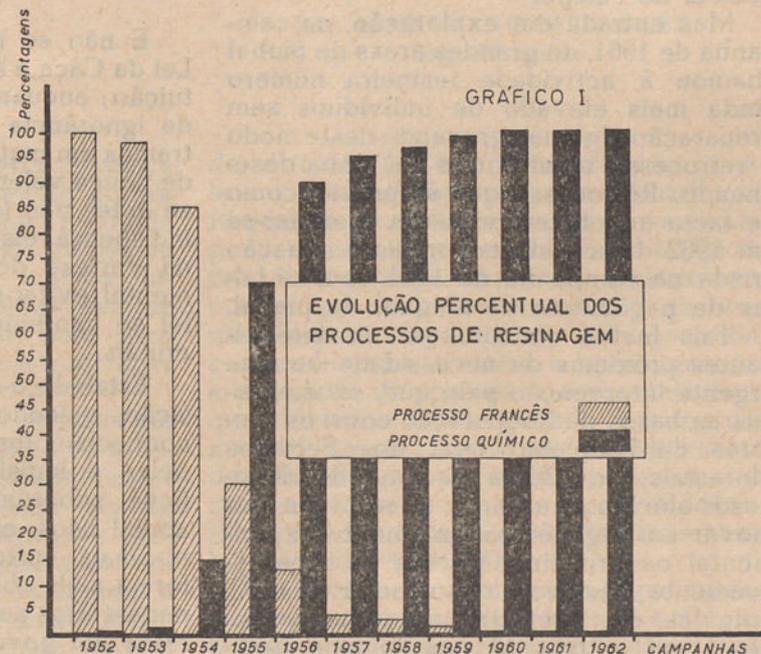
tuação, tornando-se mais nítida nos últimos anos (com todos os naturais prejuízos no nível técnico e económico da resinagem), deixa transparecer claramente os efeitos do acentuado êxodo rural a que vimos assistindo e cujas principais determinantes, sociais, económicas e até psicológicas e tradicionais, já mereceram largas análises. Perante o fenómeno da rarefacção da mão-de-obra especializada, há, agora, que lançar-se mão, em cada ano — e a salários obviamente mais altos — de largas centenas de indivíduos sem preparação prévia que proporcione trabalho aceitável e remunerador; aceita-se a sua intervenção na actividade sem qualquer garantia de que não se irá comprometer o rendimento da produção para não falar, até, no futuro dos povoamentos pinícolas em que venham a actuar.

De outra parte, ao lado dos novos na actividade trabalham outras largas centenas de indivíduos menos aptos, exactamente aqueles que polos de atracção mais aliantes não conseguiram influenciar e afastar do pinhal.

Em clima tão confuso como o é o da obtenção da resina no nosso País, as transgressões às leis da resinagem variam de quantidade e gravidade na razão directa das oscilações económicas verificadas no sector, sem que nestas variações intervenha, como factor de equilibrio, qualquer parcela de ética e consciência profissionais.

Parece, pois, concluir-se que, se em determinada altura, mercê de relativa normalidade económica, a técnica extractiva se situava em aceitável plano — para mais introduzida de fresca data — a situação presente acusa nítido retrocesso agravada em extremo pelos fenómenos da mobilidade profissional, da fuga às actividades primárias e da emigração. Tal situação, por tão prejudicial ao interesse econó-

mico nacional, é de molde a impor o retorno, em ritmo intenso, à preparação de novas camadas de profissionais e à recuperação dos que, eivados de vícios e falsos conceitos, são indesejáveis exemplos. O clima em que qualquer esforço neste



sentido viesse, agora, a ser efectuado era, porém, bem diferente do que se encontrou aquando da introdução da resinagem química.

Nessa altura o sector industrial encontrava-se sobremaneira interessado nas novidades do método portador de esperanças económicas susceptíveis de removerem toda a proverbial resistência a qualquer inovação. Daí ele ter aceitado e reconhecido até, em termos entusiásticos, a acção levada a cabo pelos técnicos da J.N.R.. Enquanto que, quase uma década volvida, a intervenção desses mesmos técnicos junto da sua mão-de-obra, que ia desempenhando, melhor ou pior, a tarefa da resinagem, poderia constituir, em ligeiríssima apreciação, uma desnecessária perda de tempo. O profissional, de outra parte, entregue a si próprio, ou mal orientado, desconfiado, avesso a qualquer disciplina, cioso do seu tempo, movendo-se sem limitações na sua maior ou menor área de trabalho, não

lobrigava vantagens em lições teóricas ou práticas que lhe quisessem impor. A confusão entre o técnico desinteressado e cooperante e o fiscal tem sido uma das grandes barreiras a vencer em toda a missão de divulgação junto do homem do campo.

Mas entrada em exploração, na campanha de 1961, de grandes áreas de pinhal chamou à actividade resinera número ainda mais elevado de indivíduos sem preparação alguma agravando deste modo o retrocesso técnico que se vinha desenhando. Retrocesso que se previa, como de facto aconteceu, viesse a acentuar-se em 1962 dada a desencorajante situação criada na campanha de 1961 com as faltas de pagamento de aluguer de pinhal.

Tais factos constituíram as determinantes próximas da necessidade de uma urgente intervenção pelo que, estabelecidas as bases de cooperação entre os sectores da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e da Junta Nacional dos Resinosos afectos ao assunto, se resolveu promover em regime prudentemente experimental os primeiros Cursos de Aperfeiçoamento Técnico na campanha de 1962, dirigidos em exclusivo ao pessoal resinero em actividade nos pinhais particulares. — *(Continua)*.

---

### O papel da vulgarização em face às modernas técnicas de comercialização dos produtos agrícolas

(Conclusão da pág. n.º 174)

as privadas de se associarem, delegando os seus interesses numa direcção comum, a qual se encarrega de organizar a produção e de dar escoamento aos produtos. Existem já 14 centros de comercialização de leite, matérias gordas e de ovos de Hamburgo.

Terminamos esta série de artigos, esperando que os mesmos possam servir de guia a uma melhor cooperação entre a vulgarização propriamente dita, e a produção no que respeita ao actual esforço português na industrialização e comercialização dos produtos agrícolas.

Elementos colhidos da  
Revue Fatis — Vol. X - n.º 3-1963.

## Dos estudos de Ornitologia em Portugal e a Cinegética

(Conclusão da pág. 165)

E não se insista mais nas críticas à Lei da Caça e à necessidade da sua substituição; enquanto for tão grande o mundo de ignorância em que ainda nos encontramos em matéria de Biologia Cinegética, de pouco valerá o novo diploma que surja, se antes não forem realizados os estudos indispensáveis para lhe servirem de base, na certeza de que entretanto é fundamental evitar-se que à sombra da actual lei se continuem a cometer verdadeiros crimes.

Estabeleça-se antes um período de transição, valendo-nos para já de todos os conhecimentos existentes e baseando neles a legislação a que esse período fique subordinado, acabando-se com o actual caos, enquanto se procure obter, no mais curto espaço de tempo e da forma mais objectiva, todos os elementos necessários para poder ser publicado mais tarde um novo diploma, agora definitivo, ou pelo menos para servir durante o tempo em que se não alterem as circunstâncias de que dependa a eficiência da actividade técnica exercida na sua base.

Agora sem estudos feitos entre nós para servirem de fundamento à resolução dos problemas da Cinegética, ou de quaisquer outros, quando a importação das ideias a seu propósito não possa ser feita, nem mesmo com uma prévia selecção, sem recurso a uma revisão nas condições locais, não é possível, jamais, satisfazer as exigências dos interesses nacionais.

Mas cada um fique com as responsabilidades que tenha ou deseje ter; por mim há muito que neste caso, como em muitos outros, declarando publicamente a minha opinião, varri a minha testada.

(Fotografias da Direcção de Agricultura e Florestas de Moçambique, amavelmente obtidas por intermédio do Eng. Agrón. Neves Evaristo que deveriam ter sido incluídas no artigo anterior sobre protecção e destruição de Aves, o que não foi possível).

# EMBALAGENS

Por MAXIMINO ALVAREZ  
Eng. Silvicultor

**P**ARALELAMENTE a uma certa mudança dos materiais para o efeito utilizados e ao facto de já haver produtos que, pelo menos parcialmente, começam a dispensá-la, amplia-se o volume daqueles para os quais a embalagem se revela imprescindível, e isto quer para os oriundos do sector industrial, quer agrícola.

E se a última tendência, intimamente correlacionada com o acréscimo da tonelage de mercadorias transportáveis, por sua vez consequência de uma rápida expansão económica, incrementa a produção global de embalagens, que, em elevado número de países, continuam a encontrar nos produtos florestais o material mais largamente empregado no respectivo fabrico, a primeira caracteriza-se, quanto a estes, por um crescente recurso ao cartão relativamente à madeira serrada. E se entre os materiais de origem não florestal, alguns deles, nomeadamente os têxteis, vão perdendo a sua importância, como os sacos de juta, cada dia mais substituídos por sacos à base de papel «kraft» e prejudicados pelo aperfeiçoamento dos métodos de conservação a granel de produtos tradicionalmente neles expedidos, já os plásticos, esses, acusam significativo progresso no domínio que estamos abordando.

Quatro ordens de factores determinam o actual grande surto das embalagens de cartão. A primeira, inerente à sua própria natureza, que lhes confere, além de um preço de custo geralmente inferior ao das caixas de madeira e mais fácil enchimento e fecho, especialmente se operados por meios mecânicos automáticos, melhor adaptação à impressão de dísticos e uma apreciável economia de transporte; a segunda, derivada da evolução dos métodos

de distribuição e comercialização, que levou à substituição de mercadorias entregues a granel, em sacos e vasilhas, por mercadorias pré-embaladas e à rápida difusão dos supermercados, reclamando o emprego das mesmas, a fim de convenientemente exporem os produtos aos compradores; a terceira, o aparecimento e aceitação de «palettes» e «containers», que, inclusivamente quando à base de madeira serrada, favorecem a utilização das embalagens de cartão; a quarta, o desenvolvimento do transporte rodoviário, consentindo menor solidez das embalagens que o ferroviário.

Todavia, se o cartão e o papel estão suplantando a madeira serrada em inúmeras aplicações, não será descabido admitir-se uma maior concorrência futura ao último movida pelos materiais plásticos, os quais, devido à sua transparência, oferecem inegável vantagem técnica no acondicionamento, para a venda a retalho, de produtos vários, como a fruta, os legumes, a carne, a confeitaria e, também, os químicos e farmacêuticos, empregos, estes, no entanto, em que um outro produto de proveniência florestal, a celofane, se mostra capaz de marcar interessante posição.

Apesar de ser no baixo preço das embalagens feitas de materiais plásticos que parece residir, em muitos casos, a sua força concorrencial, a indústria do papel está a responder-lhes com novos e atraentes tipos de embalagens, geralmente dotados de bom isolamento térmico e baseados na combinação deste com aqueles ou com folhas metálicas, os quais reúnem os atributos de solidez, rigidez e boa aptidão à impressão, característicos do papel, as vantagens de impermeabilidade à humidade e aos vapores e resis-

tência às gorduras e óleos, próprias dos plásticos, e os predicados de comprovada defesa contra a acção da luz, do vapor de água, do gás e outros agentes responsáveis por alterações no paladar, inerentes às folhas metálicas.

A Portugal, principal exportador mundial de embalagens de madeira, com um volume que muito excede o do conjunto dos seus mais próximos competidores, forçosamente lhe interessa estar atento à evolução no sector das embalagens, designadamente no tocante às de madeira serrada, tanto mais que tal posição, como é reconhecido em meios autorizados, já nos está a obrigar a elevados esforços de adaptação às exigências do mercado, os quais naturalmente não poderão ser ilimitados, tendo em conta os nossos actuais condicionalismos no respectivo sector, e isto, acrescenta-se, não obstante o alto nível atingido no último biénio após a quebra verificada no anterior, no que respeita a este componente das nossas exportações madeireiras, que continua a ser o mais destacado, tanto pela quantidade vendida como pelo valor da mesma.

É sabido compreenderem as embalagens de madeira três tipos: as caixas, caixotes e quadros para a embalagem de mercadorias de vários géneros, designadamente as de maior peso — o mais importante sob o ponto de vista quantitativo e que, assegurando uma conveniente protecção durante o transporte, pode ainda ser recuperado; os recipientes para líquidos, pós e vários outros produtos, englobando barris, barricas e outro vasilhame; e os cestos ligeiros, como os destinados ao transporte de peixe, fruta, ovos e legumes.

Ora, se o consumo europeu total de madeira serrada para embalagens ainda não deixou de aumentar, o índice do respectivo consumo referido ao P. N. B. tem baixado, verificando-se, outrossim, uma quebra em relação ao volume das exportações. E se países há em que tal não ocorreu ainda, o aumento deve-se, em parte, ao emprego de embalagens ligeiras de madeira desenrolada ou em lamelas. E se para artigos pesados e na exportação, especialmente para as regiões tropicais, as embalagens de madeira serrada não foram por enquanto tão atingidas pela concorrência que lhes estão fazendo as

caixas à base de outros materiais e «containers», quiçá em virtude da resistência da madeira à humidade e aos ataques de roedores e insectos e por se prestarem a ser revendidas nos locais de destino, o mesmo não sucede em muitos países no que se refere aos alimentos preparados e aos bens de consumo ligeiro, fenómeno semelhante se registando no concernente à fruta e aos legumes, aos ovos e ao peixe, para os quais as embalagens de madeira serrada vão cedendo rapidamente o lugar às de cartão, de cartão e folheado e de pasta moldada. Igualmente se amplia a utilização de vasilhas de placas de fibra e de contraplacado no acondicionamento de pós e líquidos, sendo também de esperar um maior emprego para estes de recipientes fabricados com materiais plásticos, bem como de recipientes metálicos em vez das pipas e barricas de madeira, encontrando também os recipientes de placas de fibra, a igual que os sacos de papel ou de materiais plásticos, utilização notável na expedição de fruta e de legumes para os mercados, o que antes se fazia por meios bem diferentes. Do mesmo modo, os vidros e as porcelanas estão a ser embalados em cartão, e a cerveja, que já o é em bidões metálicos, começa a sê-lo, como o vinho, em camiões-tanques.

Por tudo isto, não será talvez de estranhar que, apesar de se admitir no estudo F. A. O./C. E. E. *Consumption, production et commerce du bois en Europe, evolutions et perspectives — Nouvelle étude 1950-1975*<sup>(1)</sup> que o consumo de madeira serrada para embalagens na Europa venha a situar-se, em 1975, nos 13,8 milhões de metros cúbicos, contra 10,2 em 1960 e 7,9 em 1950, o índice do mesmo em relação ao P. N. B. desça, então, para 66 relativamente ao de 1960, ano em que fora de 80 em relação a 1950, enquanto o consumo de papel e cartão para embalagens atinja, no dobrar do terceiro quartel do século, 25,2 milhões de toneladas, contra 10,2 em 1960 e 4,9 em 1950.

Dezembro de 1965

(1) Este estudo serviu de base ao presente artigo.

# O *aprovisionamento artificial das abelhas*

## II-FORMULÁRIO

Pelo eng. agrônomo VASCO CORREIA PAIXÃO  
Director do Posto Central de Fomento Apícola

(Continuação do número 2558 pág. 15)

β) só com açúcar:

### (11) **Fórmula de L. L. Langstroth, adoptada também por C. P. Dadant**

*Composição* — Açúcar branco — 10 kg;  
água 5 litros.

*Preparação* — Como este xarope, feito a quente, sem a adição de mel, é susceptível de cristalizar, pode evitar-se tal risco, sem o aquecer, empregando um filtro dividido em duas partes para a respectiva obtenção: — a de cima em forma de funil, está obturada por um grosso batoque, com cortes ou entalhes à volta, para facilitar o derrame; a de baixo, está provida de uma torneira para se retirar o xarope confeccionado.

No fundo do funil põe-se algodão molhado e bem apertado, enchendo-se dois terços do espaço superior disponível com açúcar granulado e o terço restante com água pura. A água que passa nos primeiros momentos não vem bastante carregada de açúcar e, por isso, despeja-se de novo no filtro; como é óbvio, quando este esgotou a carga de que é susceptível, volta a encher-se com novas doses de açúcar e água, até por ele haver passado todo o quantitativo dos ingredientes constitutivos do xarope que se pretende arranjar.

*Aplicação* — Utiliza-se o récipe indicado na preparação para a hibernagem, sempre que tenha faltado a colheita de mel e, portanto, as abelhas necessitem de alimentação para essa quadra do ano.

C. P. Dadant administra colectivamente este xarope, em bidões ou caixas de madeira, providos de uma infinidade de agulheiros na tampa.

*Acondicionamento* — Não se fazem reservas; a aplicação é imediata.

*Conservação* — Segundo L. L. Langstroth este récipe, feito a frio, não cristaliza; C. P. Dadant, que dissolve o açúcar em água quente, diz que se as abelhas não tomarem o alimento com demasiada rapidez, mudam com a saliva a natureza do líquido, o suficiente para impedir a sua cristalização.

### (12) **Fórmula do abade Pincot**

*Composição* — Açúcar granulado — 7 kg; água — 4 litros.

*Preparação* — Após cozedura lenta e ebulição durante 10 minutos, o xarope resultante não contém mais do que uma parte de água para duas de açúcar e a sua densidade aproxima-se da do mel (P.M.). Alin Caillas aconselha juntar 5 gr de ácido tartárico ou 10 gr de cremor tártaro, a fim de provocar a inversão química do açúcar, evitando essa dificuldade às abelhas.

*Aplicação* — Recomenda-se a utilização deste récipe para alimentação das abelhas no Outono, dada a maior concentração do xarope a que dá origem.

*Acondicionamento* — Podem guardar-se sobras deste alimento, em panelas ou garrafas.

*Conservação* — Segundo Perret-Maisonneuve, com esta fórmula a fermentação não é para recear, pelo que se torna desnecessária a adição de qualquer anti-séptico; só a cristalização pode trazer um incómodo se o xarope for preparado muito tempo antes do seu emprego.

### (13) **Fórmula de Gagét ou do Codex**

*Composição* — Açúcar, ordinário ou cristalizado — 165 gr; água 100 gr.

*Preparação* — Depois de confeccionada a mistura aquecer o xarope e, logo que ele comece a ferver, retirá-lo do lume, para evitar que cristalize ao esfriar.

*Aplicação* — O autor utiliza este récipe tanto na Primavera como no Outono, variando apenas a dose diária distribuída às colmeias, de harmonia com a quadra do ano; o facto explica-se, naturalmente, pela antiguidade da sua obra, ultrapassada já por concepções alimentares mais criteriosas.

*Acondicionamento* — Não se guardam reservas de xarope para consumo muito posterior à data da sua preparação.

*Conservação* — Em face do exposto, não se costumam adicionar anti-sépticos.

*Nota* — Embora o autor reporte esta fórmula ao Codex, na Farmacopeia Portuguesa de 1946 a composição indicada para o xarope comum é diferente desta, sendo constituída por 650 gr de açúcar e 350 gr de água destilada; a dissolução faz-se a calor brando.

### (14) **Fórmula de Paul Lemaire**

*Composição* — Açúcar branco, em pão ou cristalizado — 4 kg; água 2 litros.

*Preparação* — Junta-se o açúcar à água logo que esta comece a ferver e, quando se retira o xarope do lume, adiciona-se-lhe uma colher das de café de vinagre e outra da solução Hilbert, preparada conforme veremos em capítulo ulterior.

*Aplicação* — O autor aconselha a administração deste récipe no Outono, por ser mais espesso.

*Acondicionamento* — O xarope destina-se a utilização imediata; não é necessário, portanto, tomar quaisquer medidas a este respeito.

*Conservação* — O vinagre tem por objectivo evitar a cristalização posterior da sacarose e a solução de Hilbert, segundo o autor, a preservar as abelhas de certas doenças, em particular da loque, crença hoje já sem validade, em razão da comprovada ineficácia do fármaco empregado e da existência de outros melhores à base dos antibióticos.

### (15) **Fórmula da Dr.<sup>a</sup> Maurizio e de vários outros autores**

*Composição* — Açúcar — 5 kg; água pura — 3 litros.

*Preparação* — Faz-se derreter o açúcar na água, em vasilha colocada sobre lume moderado.

Malagola, Pedro Herce, Layens e Bonnier adoptam a mesma fórmula, assim como Eduardo Sequeira e Hommell; Sequeira, porém, junta à composição uma pitada de sal e Hommell deita-lhe, após a fusão, uma colherada de sal das cozinhas e quatro colheradas de vinagre, para impedir a cristalização ulterior do récipe. Bertrand, outro adoptante da fórmula, ainda vai mais além, porque adiciona à composição básica do xarope uma pitada de sal, duas colheres de cremor tártaro e quatro colheres de vinagre.

*Aplicação* — A autora aconselha este xarope para o aprovisionamento das abelhas nas localidades assaz frias, nas quais, por isso mesmo, elas se encontram obrigadas a uma prolongada reclusão, que lhes não consente fazerem nenhum voo de limpeza na quadra hibernal.

*Acondicionamento* — Este xarope, segundo Hommell, deve ser colocado, depois de frio, em garrafas bem arrolhadas; Layens e Bonnier enchem com ele uma galheta ou almotolia, da qual despejam depois o conteúdo directamente para os alvéolos de favos vasios.

*Conservação* — Se a reserva preconizada por alguns dos autores não for por muito tempo, é desnecessário adicionar

um anti-séptico ao xarope; na hipótese contrária deve juntar-se-lhe.

(16) **Fórmula de D. Amaro Van Emelen**

*Composição* — Açúcar 2,25 a 2,50 partes; água — 1 parte.

*Preparação* — Para evitar a granulação do xarope é preciso inverter o açúcar; esse resultado obtem-se juntando uma colher das de chá de ácido tartárico, por cada 10 kg de açúcar, enquanto se aquece a mistura ao lume.

Deve diligenciar-se, ao promover a dissolução do açúcar ao fogo, em não o queimar, ocorrência que tornaria o xarope obtido impróprio para as abelhas; a solução, de resto, convém ficar tão clara como se fosse preparada em água fria.

*Aplicação* — O autor recomenda este xarope para o aprovisionamento outonal das abelhas, completando naturalmente a insuficiência de reservas para o Inverno.

Layens e Bonnier adoptam as mesmas percentagens de açúcar e de água mas só para a confecção de xarope destinado à alimentação de cortiços, destinação que carece de fundamento sério, como é óbvio.

*Acondicionamento* — Não se guarda por muito tempo, pelo menos, o récipe confeccionado.

*Conservação* — Desnecessária, portanto, a adição de anti-sépticos.

(17) **Fórmula de Herber Mace**

*Composição* — Açúcar branco — 1,6 kg; água — 1 litro.

*Preparação* — Aquece-se a água até à ebulição e verte-se dentro do recipiente o açúcar, remexendo bem a mistura.

*Aplicação* — O autor utiliza o xarope feito nas proporções indicadas para a alimentação hibernal das colónias.

*Acondicionamento* — Em recipientes estanhados.

*Conservação* — Segundo o autor, este récipe, devido ao seu grau de concentração, pode conservar-se armazenado, a fim de ser gasto na medida das necessidades, pelo que não há inconveniente em preparar, duma só vez, a quantidade presumivelmente necessária a toda a temporada.

(18) **Fórmula de «A Fazenda» — Outubro de 1948**

*Composição* — Açúcar — 2 volumes; água quente — 1 volume.

*Preparação* — Segundo a técnica habitual duma dissolução.

*Aplicação* — O autor utiliza este xarope na confecção de «suplementos» de pólen, adicionando-lhe posteriormente, por cada 1,56 litros, 1 kg da mistura composta de farinha de soja e de levedura de cerveja, de modo a obter uma papa com a consistência necessária, nem demasiado mole, nem excessivamente dura.

*Acondicionamento* — Não se faz para longo prazo.

*Conservação* — Não chega a ser precisa a adição de anti-sépticos.

(19) **Fórmula de Root**

*Composição* — Açúcar — 2 partes; água — 1 parte.

*Preparação* — Simples dissolução do açúcar na água.

*Aplicação* — O autor aconselha este récipe para a alimentação hibernal, subministrada em princípios do Outono.

*Acondicionamento* — Não se preparam doses excessivas para constituir reservas.

*Conservação* — Desnecessária a adição de anti-sépticos, uma vez que o xarope obtido se destina a consumo imediato.

(20) **Fórmula do Boletim n.º 9 do Ministério da Agricultura da Grã-Bretanha**

*Composição* — Açúcar — 1 libra (453,54 gramas); água — 0,5 pints (0,28 l).

*Preparação* — Dissolução do açúcar na água.

*Aplicação* — O autor aconselha o emprego deste récipe como alimento estimulante primaveril.

*Acondicionamento* — Não se fazem reservas; o xarope é para utilização imediata, embora, geralmente, através do alimentador vagaroso.

*Conservação* — Desnecessária a adição de anti-sépticos.

(Continua)

## Nota do Ministério da Economia sobre

# «A intervenção da Junta Nacional do Vinho durante a campanha de 1965/66»

(Continuação do 2561 pág. 157)

3. O exame das características e dos resultados da política de intervenção no mercado do vinho permite salientar alguns dos aspectos de maior interesse para a definição do modo futuro de actuar.

a) Não se discute a necessidade de assegurar às principais produções agrícolas um mercado interno, tão mais vasto quanto possível, onde se pratiquem preços que, pela sua estabilidade e pelo seu nível, garantam às explorações técnica e economicamente viáveis uma justa rentabilidade anual média.

Mas a estabilidade dos preços não pode significar a sua rigidez, ou invariabilidade. A estabilidade deve ser dinâmica de modo que, dentro de limites razoáveis, os preços se adaptem às flutuações da conjuntura.

Não tem dado mostras de suficiente flexibilidade o critério de intervenção no mercado do vinho até aqui adoptado. Quando se examinam as tabelas dos preços de sua aquisição pela Junta nos últimos anos é-se conduzido a pensar ter havido a finalidade de garantir para o vinho um preço quase constante, independente portanto quer das maiores ou menores produções quer da mais intensa ou da mais fraca procura dos mercados.

A adopção deste critério explica, em grande parte, a constituição dos stocks da Junta Nacional do Vinho a preços que se situam muito acima da realidade do mercado ou fora dele.

b) À rigidez dos preços, tem o critério de intervenção juntado uma outra característica — a da sua uniformidade regional.

Uma vez que a área da Junta Nacional do Vinho envolve regiões muito diversas quanto a custos de produção e a qualidade dos vinhos, o critério de uniformidade nem é justo na distribuição dos benefícios nem incentiva suficientemente as produções de qualidade que não podem ser aferidas só pelo seu grau alcoólico.

É, para nós, líquido que o futuro critério de intervenção deverá assentar em bases de demarcação regional e deverá ainda ser elemento activo do fomento das produções de qualidade que melhor respondam às exigências dos mercados consumidores. Isto não significa que a política de intervenção deixe de ter na devida conta a necessidade de produções que, não sendo de alta qualidade, pelo seu menor custo de produção, tornam possíveis preços do vinho acessíveis a todas as classes do consumo e competitivos no mercado internacional.

A política do vinho deverá ainda ter na consideração possível o lugar que à vinha deve caber como instrumento do desenvolvimento regional. Por outras palavras, independentemente dos aspectos de qualidade, não se poderá esquecer que, entre as regiões com aptidão para a produção de vinho, umas não podem prescindir dessa produção, sem grave risco

para o equilíbrio e viabilidade do esquema da sua valorização económica, enquanto que outras possuem condições que lhes permitiriam substituir, total ou parcialmente a vinha por culturas e produções igualmente rentáveis se não mais. A revisão a que se procederá da lei de plantio da vinha não deixará de ter também em conta este aspecto da questão.

O critério de intervenção a preços uniformes pode e deve ser objecto de alguma correcção imediata — e sê-lo-á — mas para a adopção de um sistema inteiramente diverso é necessário que os serviços competentes façam antes a correcta demarcação das regiões vitivinícolas e procedam dentro dessas regiões, a um cadastro mesmo elementar das plantações — única forma de impedir a passagem de vinhos ordinários e, portanto, mais baratos, para as regiões de qualidade demarcada.

É esta uma das questões prévias a que aludimos e que importa decidir quanto antes.

c) O tipo de intervenção que se adoptou tinha de pressupor colheitas que embora se situassem ora acima ora abaixo da capacidade de absorção do mercado, se equilibrassem com esta capacidade em período razoável. A verificarem-se estas condições, então a Junta poderia nos anos de grande produção retirar do mercado os excedentes que nele lançaria nos de baixa produção. Esta forma de regularização do mercado, além de assegurar ao produtor e ao consumidor preços relativamente estáveis, não provocaria prejuízos insuportáveis pelo mecanismo de intervenção, pois que estes se limitavam aos encargos de recolha, armazenagem, conservação e transformação do produto.

O problema começa a surgir quando se registam altas produções consecutivas e atinge a sua verdadeira gravidade quando se afirma a tendência de a produção anual começar a ser sempre superior à procura média anual dos mercados.

Foi para a hipótese de equilíbrio, em prazo razoável, entre a oferta e a procura, que a Junta Nacional do Vinho estudou e pôs em prática o seu esquema de intervenção, pois que era aquele que se verificava no momento da criação do organismo. E, se dentro de certa visão optimista

se pretender afirmar que, não se atingiu já no nosso caso a situação de uma produção média superior à capacidade de absorção dos mercados a preço razoável é fora de dúvida termos de admitir essa hipótese e precisarmos de enfrentar, desde já, as consequências imediatas de anos sucessivos de grandes produções.

d) Pode dizer-se que uma das características do estilo da intervenção da Junta no mercado está no facto de ela ser o comprador que mais oferece pelo vinho. E salvo os casos de vinhos de marca ou de certas produções que se comercializam, como que em circuito fechado dentro da sua própria região, acontece, ainda, a Junta comprar no geral os vinhos comuns de melhor qualidade o que significa não interessarem eles o comércio pelos preços a que ela os adquire.

Tem interesse observar a composição das compras da Junta, por exemplo, nas duas últimas campanhas:

#### *Intervenção por classes de categoria de vinho*

<i>Categoria</i>	1963	1964	
1.a . . . . .	24,67 o/o	33,35 o/o	+ 8,68 o/o
2.a . . . . .	30,97 o/o	39,97 o/o	+ 9,00 o/o
3.a . . . . .	17,76 o/o	14,92 o/o	— 2,84 o/o
4.a . . . . .	5,02 o/o	3,56 o/o	— 1,46 o/o
5.a . . . . .	21,58 o/o	8,26 o/o	— 13,32 o/o
Litros total. 230 144 921 L		205 407 270 L	

Embora se entendam os motivos que originam este facto, parece que deveremos evitá-lo tanto quanto possível na futura organização do mercado e, mesmo na intervenção da presente campanha.

O facto de a Junta adquirir aos mais altos preços os melhores vinhos tem inconvenientes evidentes:

— eleva o custo da intervenção, que na sua maior parte se destina à queima para a produção de aguardente;

— orienta o comércio para a compra dos vinhos de pior qualidade o que não sendo justo para o consumidor, que os paga por bons, prejudica também a produção, pois que esta está interessada na expansão do consumo interno e a qualidade é factor essencial dessa expansão;

— desobriga a produção do dever que lhe incumbe de colaborar nos esforços de expansão do consumo. Na verdade os

produtores sabendo que a Junta lhes paga o seu vinho a preço compensador que o comércio lhe não oferece, limitam-se a aguardar que ela vá às suas adegas levantar-lhes o vinho.

Essa noção, tão nossa, de que é melhor ganhar menos com pouco trabalho do que mais com muito, não deve ser ajudada. Encontramos hoje empresários individuais e associações de produtores (adegas cooperativas) que estão a trabalhar o mercado, lutando e correndo riscos, mas que conseguem impor as suas produções, a coberto das suas marcas, a preços superiores aos que lhes seriam garantidos pela sua passividade. São estes empresários os que mais importa ajudar pois só com a sua acção e a sua iniciativa (sejam produtores agrícolas sejam, apenas, organizações comerciais) poderemos esgotar a capacidade potencial do mercado para o consumo de vinhos.

A fim de estimular a produção à comercialização dos seus vinhos, o Ministério da Economia, pelo Fundo de Abastecimento e ouvida a Junta Nacional do Vinho, estudará a forma de financiar as adegas cooperativas quando tenham volumes mínimos suficientes de produção média ou as associações de adegas cooperativas que se constituírem para comercialização dos vinhos dos seus associados.

e) Tem sido objecto das mais compreensíveis reclamações da lavoura o atraso da Junta na liquidação aos produtores dos vinhos que lhes adquire.

Quem passar os olhos pelos esclarecimentos dados neste despacho não deixará de se aperceber da grandeza do esforço feito pelos serviços e da delicadeza dos problemas que se apresentaram aqueles que tiveram a responsabilidade de decidir o tipo de intervenção da Junta Nacional do Vinho no mercado ao longo dos últimos anos. A parte ainda em dívida dos empréstimos contraídos pelo Organismo só por si dá ideia do que tem sido a dificuldade de encontrar os meios necessários ao pagamento à lavoura do vinho que, para a defender, lhe foi adquirido.

Mas se os atrasos nos pagamentos tem cabal explicação nem por isso eles deixam de anular parte muito grande da justiça e da utilidade ou seja, do próprio fundamento da intervenção.

Sendo tão diferentes de região para região e dentro de cada uma delas as dimensões das explorações e as capacidades de resistência financeira dos empresários agrícolas, qualquer plano de apoio à produção deve procurar beneficiar todos com justiça, implicando esse objectivo que o auxílio se preste prioritariamente aos mais necessitados.

Está aceite o princípio de que os mais necessitados são, para o caso que nos interessa agora, os produtores que tenham manifestado menores quantidades de vinho. Aceitamos o critério por não podermos utilizar de momento outro melhor. Pensamos no entanto que ele não é inteiramente válido ou não o é, pelo menos, em todas as regiões e na generalidade dos casos: seria, por exemplo, mais correcto estimar a capacidade financeira dos empresários pela avaliação global da produção bruta das suas explorações—desde que técnica e economicamente bem orientadas—e pela posição que nessa produção ocupa o vinho. Pode na verdade um empresário ter uma exploração grande, bem diversificada e bem equilibrada e, nela, o vinho ter lugar modesto e pode uma outra exploração agrícola muito mais pequena e débil ser grande produtora de vinho.

Aceitando, no entanto, o princípio que em matéria de intervenções sectoriais considera os pequenos produtores desse sector como sendo os empresários agrícolas de menor resistência financeira, teremos que a intervenção para apoio dos preços se deve dirigir preferentemente a estes. Não se duvida de sempre ter sido esta uma das finalidades das intervenções realizadas pela Junta, como não está igualmente em causa a certeza de que o organismo paga sempre o vinho que adquire ou promete adquirir. Para os produtores de menor resistência financeira o problema está apenas no tempo que a Junta leva a fazer o pagamento integral do vinho que compra. Esse tempo é muitas vezes incompatível com as necessidades de numerário que os pequenos produtores têm logo no início da campanha e, por isso eles, os que deveriam receber prioritariamente o benefício da intervenção, são aqueles que primeiro se entregam ao mercado.

Para ocorrer a esta dificuldade já na intervenção do ano corrente se irá reintroduzir a prática do «financiamento» que durante anos a Junta Nacional do Vinho seguiu e que, muito compreensivelmente suspendeu por imposição das suas dificuldades financeiras.

Espera-se que por este modo, o financiamento de parte da produção possa beneficiar imediatamente a quase totalidade dos produtores que por escalões de produção se encontram assim distribuídos:

os preços a que a exportação para o estrangeiro de vinhos correntes se pratica dispensam novos esclarecimentos a demonstrar que esta exportação só interessa na medida em que faça parte de um esquema de organização do mercado que a torne possível sem prejuízo insuportável para o mecanismo de intervenção.

Vimos por outro lado também que todo o auxílio deverá ser dado às empresas que, bem organizadas, se abalancem a exportação de vinhos de marca adapta-

**A produção manifestada e o número de produtores da área da jurisdição da J. N. V. distribuídos por escalões (a)**

ESCALÕES DE PRODUÇÃO	PRODUTORES		PRODUÇÃO		
	Número	o/o	Pipas	o/o	Média por produtor
Até 5 pipas	175 859	78,620	312 532,0	25,263	1,78
5 a 10 »	25 189	11,270	184 017,0	14,875	7,31
10 a 20 »	13 283	5,935	188 365,0	15,226	14,18
20 a 50 »	6 954	3,105	211 121,0	17,066	30,36
50 a 100 »	1 548	0,692	106 009,5	8,569	68,48
100 a 200 »	533	0,239	72 880,0	5,892	136,74
200 a 500 »	225	0,100	68 182,5	5,512	333,03
500 a 1000 »	67	0,028	46 293,5	3,743	690,40
Mais de 1000 »	27	0,011	47 685,0	3,854	1 766,11
Totais . . .	223 685	100,000	1 237 085,5	100,000	5,530

(a) Os números indicados carecem de actualização. O quadro não inclui as adegas cooperativas que representam cerca de 16 o/o da produção total:

7 adegas com 500 a 1000 pipas correspondendo a 2,4 o/o da produção total e 0,006 o/o do número de produtores.

43 adegas com mais de 1000 pipas, correspondendo a 13,2 o/o da produção total e 0,04 o/o do número de produtores.

Estas são algumas das lições que a experiência da actuação da Junta Nacional do Vinho nos dá e que não podem ser esquecidas quando chegar o tempo de definir a orientação global para o sector vitivinícola.

4. O juízo que se venha a fazer sobre as possibilidades de alargamento do mercado terá a maior importância para a determinação do nível a que no futuro se deverão fixar os preços de intervenção da Junta.

As considerações que se fizeram sobre

dos às características dos mercados consumidores.

As possibilidades de expansão do consumo em curto prazo e a preços razoáveis dos vinhos correntes só se encontram no mercado do espaço português europeu e ultramarino.

Os estudos que importa realizar para definir a acção a exercer sobre o mercado no nosso território europeu deverão sobretudo dirigir-se ao exame dos circuitos de comercialização do produto, à viabilidade da redução das vendas do vinho a granel e sua consequente valo-

rização pela embalagem e ainda à estimativa da relação entre a baixa do preço do vinho e o aumento do seu consumo.

O problema, no território europeu é delicado pelo facto de o comércio do vinho ter as características mais diferentes de região para região. Mas nem por isso nos é permitido desistir da organização de planos de intensificação do consumo e, nestes planos, a produção tem que intervir com a consciência de que, deles, depende muito a sua sorte.

No que se refere aos circuitos de comercialização e como simples começo de solução deverá, dentro de dias, ser promulgado o diploma que reorganiza o sector armazenista de vinhos.

A expansão a curto prazo do consumo no mercado interno ganha no entanto perspectivas de grandeza quando se pensa no que se pode e no que se deve fazer em matéria de melhoria do abastecimento ultramarino.

O ultramar representa já hoje parte considerável do consumo nacional de vinhos comuns e tem o direito de beber mais vinho, vinho mais barato e vinho melhor.

#### **Fornecimento às províncias ultramarinas**

1955 . . . . .	100 829 362	litros
1956 . . . . .	115 924 328	»
1957 . . . . .	112 667 447	»
1958 . . . . .	101 329 538	»
1959 . . . . .	106 278 409	»
1960 . . . . .	108 658 000	»
1961 . . . . .	102 289 000	»
1962 . . . . .	86 971 800	»
1963 . . . . .	103 582 500	»
1964 . . . . .	132 104 697	»
1965 . . . . .	137 659 827	»

Quer no que respeita ao comércio de vinhos desde a produção até às províncias ultramarinas, quer no que toca à organização dos mercados dessas províncias quase tudo o que está feito precisa de revisão e de remédio urgente. O grupo de trabalho que mais cedo se constituirá será justamente o incumbido de estudar os problemas próprios do circuito do comércio dos vinhos que se inicia nas regiões produtoras e vai até à casa de cada consumidor ultramarino.

O Ministério da Economia sabe de antemão que terá todo o apoio dos Ministérios da Marinha, do Ultramar e dos Governos das províncias ultramarinas para o encontro de solução possível para este problema que é de verdadeiro interesse nacional.

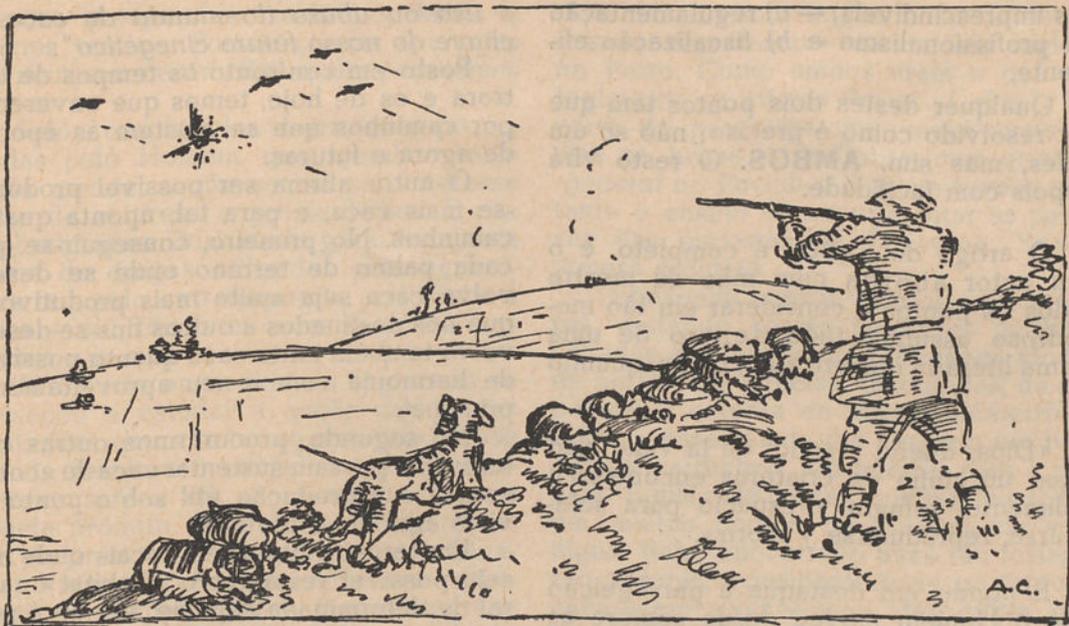
5. Quando se reflecte sobre a organização do mercado do vinho um ponto nos aparece claro: a organização deve assentar na demarcação regional mais conveniente e ter em conta os custos completos de produção das explorações técnica e economicamente viáveis de cada uma dessas regiões. A organização do mercado do vinho deverá ainda, como o dissemos já, estimular as produções de qualidade que melhor satisfaçam as características dos mercados consumidores a que se destinam, ter em conta a medida em que importa manter, para o equilíbrio dos preços, produções que não sendo de alta qualidade tenham a vantagem dos seus baixos custos de produção e pode também ter que comportar certas produções que, não se impondo pela sua qualidade, sejam no entanto indispensáveis ao desenvolvimento económico de certa zona ou região. A adopção de uma base regional implica a aceitação de que os preços de garantia oferecidos ao produtor sejam diferentes de região para região.

Esta deverá ser uma base comum a qualquer esquema que venha a adoptar-se para a comercialização e a estabilização dos preços no mercado.

Outro dos pontos que não oferecem dúvida é o da necessidade da política de estabilização de preços ou de garantia dos preços ser exequível no plano financeiro. Para tanto essa política tem que adaptar a produção à evolução do mercado de tal modo que, em prazo razoável, os encargos resultantes da intervenção para defesa dos preços se comportem no volume das receitas criadas por força do mesmo mecanismo de intervenção.

Ainda que venha a admitir-se que a política de apoio à produção vinícola possa provocar prejuízos que excedam as suas receitas próprias, teremos, mesmo assim, que lhes pôr um outro limite, que

(Continua na pág. n.º 196)



CAÇA E PESCA

## PARA PONDERAR

Por ALMEIDA COQUET

**O** número do «ABC» de Madrid, do primeiro dia deste ano, e a que me referi no último número, traz dois curiosíssimos artigos, um intitulado «EL MUNDO DE LA CAZA», da autoria de D. Máximo Elegido, e outro sobre pesca, de D. León Cardenal.

Do primeiro, acho interessante apresentar esta afirmação do autor que merece ser ponderada, pois serve de base a tudo quanto no referido artigo se apresenta:

«Es preciso proteger la caza, evitando «que su aprovechamiento sea abusivo, «pero es aún más necesario adoptar las «medidas precisas para que no se nos «pueda acusar de que hemos permanecido imposables ante la posible extinción «de una sola de las especies que constituyen nuestro acervo cinegético».

De facto, vemos dia a dia, mês a mês e, até, ano a ano, a destruição abusiva da perdiz nos nossos terrenos, sem se tomar a mais pequena medida para obstar à sua extinção, é, sem dúvida alguma, merecer a acusação de impassibilidade a que se refere a citação acima.

E reside aí a razão de ser do meu último artigo, face a face do projecto de proposta de lei n.º 2/IX, a que se refere a acta n.º 11 da Câmara Corporativa. Levou tempo — e já temos perdido imenso tempo! — a tomar uma atitude capaz de quebrar a perigosa impassibilidade em que nos encontramos.

Mas espero em Deus que a acção iniciada agora se desenvolva dentro de prazos mínimos, o suficiente para que sejam definidas novas directrizes ao desporto cinegético, sem esquecer duas coi-

sas imprescindíveis: — a) regulamentação do profissionalismo e b) fiscalização eficiente.

Qualquer destes dois pontos tem que ser resolvido como é preciso; não só um deles, mas sim, **AMBOS**. O resto virá depois com facilidade.

O artigo do «ABC» é completo, e o seu autor aborda com mão de mestre todos os pontos a considerar em tão melindroso assunto, tudo dentro de uma forma literária que encanta, como, quando diz:

«Dios, dueño y señor de la vida, hizo «que un sínfin de criaturas encontrasen «alimento, refugio y espacio para solazarse, reproducirse y morir».

E pondo em destaque a perseguição que o Homem moveu desde sempre às espécies cinegéticas, e que hoje em dia continua exercendo, põe o problema da abundância ou da escassês da caça como o que mais preocupa o caçador e a Administração.

Refere-se ao meio — ao «habitat» — a que ele chama "*el mundo de la caza*", e onde aprecia os sítios bem diferentes que cada espécie prefere, e que só uma força maravilhosa fez com que a Natureza lhe desse a cada uma, e em cada local diferente, o que ela precisava para viver.

O equilíbrio «caça/alimento», que a própria Natureza corrige: se a alimentação diminui, a caça vem a ressentir-se e a sofrer as consequências. Por isso convém que a zona alimentícia seja ampla, para que a caça se possa desenvolver, aumentando também a possibilidade de mais larga prática do desporto venatório.

Alimento, abrigo e espaço vital — diz o autor — são os três elementos que nos dão a medida do número de peças de caça que um terreno pode conter numa época determinada, sem que isto, no entanto possa ser tomado como regra fixa.

Mas...

Mas não deixa o autor de afirmar — e é isto bem sabido de todos nós — que: "*quer nos agrade quer não, é precisamente*

*o uso ou abuso do mundo da caça, a chave do nosso futuro cinegético*".

Posto em confronto os tempos de outrora e os de hoje, temos que enveredar por caminhos que se ajustem às épocas de agora e futuras.

O autor afirma ser possível produzir-se mais caça, e para tal, aponta quatro caminhos. No primeiro, conseguir-se que cada palmo de terreno onde se desenvolve caça seja muito mais produtivo, e que nos destinados a outros fins se desenvolva também tanta caça quanto possível, de harmonia com o seu aproveitamento principal.

No segundo, procurarmos outras culturas que possam sustentar caça de acordo com a sua produção útil sob o ponto de vista agrícola e florestal.

Em terceiro lugar, em locais onde não seja possível restaurar o «habitat» natural de determinada espécie, ver se é possível povoá-los com outras espécies cinegéticas capazes de se adaptarem ao novo meio.

Por fim o quarto, que não tratará de obter mais caça, mas sim, prudentemente, conservar o que ainda houver de bom.

E chega o autor ao ponto de citar como o Homem, na fúria de produzir cada vez mais e novas coisas, destrói tanto! como seja o escoamento das terras pantanosas, o emprego maciço de herbicidas, etc., etc.. Mais nos diz D. Maximo Elegido: — "*que não é só o próprio interesse dos aficionados o único que deve levar-nos a conservar a fauna silvestre; porque o exercício da caça comporta em si, e por si próprio, um importante valor económico, pois há centenas de milhares de pessoas interessadas na conservação e uso da caça, para as quais um tal disfruto está longe de ser coisa sem valor. A caça é um importante recurso natural e não seria prudente tratá-la com ligeireza coartando o direito — hoje o nosso e amanhã o dos nossos vindouros — de disfrutar a satisfação que a fauna silvestre e o desporto da sua captura podem e devem proporcionar-nos.*

Enfim, ideias e palavras claras, formando a base de uma acção destinada a enfrentar tempos futuros, tão diferentes dos de há meio século e mesmo dos que actualmente atravessamos. Sempre a

mesma perspectiva: mais população e menos terreno. Portanto, mais apertadas as margens dentro das quais poderemos actuar.

Falou o autor das destruições provocadas pelo Homem, que, geralmente, a nada atende, a não ser ao seu interesse e ao da empresa a que se dedica. E cita os herbicidas. Dum modo geral toda esta gama de drogas utilizadas pela agricultura tem sido extremamente prejudicial à caça — sobretudo às aves — e até aos peixes nos rios.

Já há uns anos que em Inglaterra se começou a estudar a acção dos vários pesticidas que vieram ao mercado. Desse estudo resultou o conselho para os «farmers» usarem, ou não usarem, este ou aquele produto, e já alguns foram retirados da prática. Principalmente os destinados à desinfectação das sementes (*dressings*), visto que as aves, ingerindo grãos de cereais assim tratados geralmente morriam.

Continuam os ingleses a queixar-se das dificuldades que encontram para manterem um bom povoamento cinegético. E no entanto parece que não deveria haver razão de queixa, visto que as perdizes e faisões são criados em propriedades particulares. Mesmo assim, vemos que há motivos, como ainda agora li no «FIELD» em artigo especial sobre o desenvolvimento da perdiz na Grã-Bretanha.

É curioso notar esta afirmação: que a diminuição do número de perdizes num «shoot» é em parte devido *aos métodos modernos seguidos na agricultura*, em especial os produtos químicos usados na destruição de insectos, quando são estes de tanta importância na alimentação da perdiz.

Curioso notar também outra razão, mas esta devida ao caçador. É que o atirador em Inglaterra, hoje em dia, antes quer matar uma perdiz do que cinco faisões...

É caso para dizermos: e certamente que esses caçadores não conheceram as nossas perdizes das grandes encostas da Beira Alta e de Trás-os-Montes. Hoje são poucas as perdizes, mas aqui há vinte ou trinta anos...

Há perto de meio século que aqui es-

teve um visitante inglês, hóspede de um grande «sportsman» da colónia inglesa no Porto. Como ambos eram o que em Inglaterra se chama "*a good shot*", fez parte do programa uma meia dúzia de dias no nosso Alto Douro, com *quartel-general* no Pocinho. E assim teve o visitante o ensejo de experimentar as perdizes das encostas de Foz-Côa, Santo Amaro e outras.

O hóspede honrou bem os seus créditos, deitando abaixo bastantes perdizes saltadas à frente ou de passagem, vindas de perto. Mas aquelas remontadas, de asa parada, a setenta ou mais quilómetros à hora... essas ainda lhe levaram um bom par de cartuchos, até acertar com a medida. E dizia ele depois, que tendo caçado em muitos pontos do mundo, em sitio algum tinha encontrado aves tão fortes e tão rápidas, considerando-as portanto a caça — em aves — mais desportiva que jamais conheceu.

\* \* \*

O segundo artigo do «ABC», sobre pesca e pescadores, encerra apreciações várias sobre os diversos tipos de pescadores que o autor tem encontrado, desde o pescador *que não pesca*, passando pelo pescador «novato», o qual, depois do curso teórico-prático obtido em contacto com pescadores já feitos, acaba geralmente por atingir a categoria de pescador *ferrenho*.

É com certo humor, que o autor se refere ao casal, em que a mulher é a aficionada, e o marido que sem ser pescador a acompanha; e para não estar de braços cruzados acaba por se lançar também, nos *azares* da pesca. Mas — diz D. León Cardenal — «nunca vi o caso do marido, pescador furibundo, não sendo a mulher aficionada da pesca, que esta o acompanhe»...

E acrescenta: — «Deve existir este caso, indubitavelmente, mas não o conheço».

Vêm depois outros pescadores, desde o que com o decorrer dos anos abandonou desportos mais violentos para enveredar por este mais suave, junto de águas plácidas, até ao pescador-tipo, sócio de clubes de pesca, que com frenesi aí vai,

alta madrugada, até junto das águas preferidas, em busca de recordes. Este, é dos que, ao iniciar o seu dia de pesca se dirige ao Altíssimo e pede:—Dai-me, Senhor, a ventura de pescar um peixe tão grande, que quando contar o que pesquei, não tenha de mentir...».

Este artigo do «ABC» vem acompanhado de uma gravura em que mostra um refúgio de pescadores num couto salmoneiro do rio Deva.

Quase ao fundo do enorme fraguado que desce a pique sobre o rio, vê-se a pequena casa para refúgio, e mais perto da água — e ao longo do rio — um passadiço, com sítios para se poder pescar, dado que a margem era impraticável.

Isto mostra bem como os serviços espanhóis que regulam a pesca, procuram a todo o transe facilitar ao pescador a sua tarefa. Nós, por cá, estamos no início de uma possível recuperação dos nossos rios, e já por mais de uma vez, nos meus escritos, tenho lembrado a necessidade de alguma coisa se fazer no género, nos rios mais ásperos de montanha, principalmente em lanços dentro das áreas dos Serviços Florestais.

Quantas vezes o pescador é surpreendido por temporais, sem o menor abrigo onde se possa refugiar. E a pequena casa de refúgio, tanto serve para os pescadores como também para os guardas em patrulha.

Mais uma vez ainda lembro a conveniência, noutros locais, de aproveitar casas de moinhos abandonados, que tão bem serviriam para postos da Guarda Florestal.

Isto, sem despesa demasiada, sem luxo, apenas reforçando bem as paredes de pedra tosca — e tão lindos, alguns desses moinhos são! — com um bom telhado e bom sobrado, e boa lareira. Tarimbas de madeira, sem colchão; isto é, um bom abrigo, embora rude.

Bem sei, que só poderá apreciar estas coisas, quem alguma vez se viu em apuros em plena serra, fustigado por chuva e granizo, com música wagneriana de trovões a acompanhar!

Mas que saudades tenho desses tempos, pois, apesar de tudo havia trutas...

## A intervenção da Junta Nacional do Vinho durante a campanha de 1965-66

(Continuação da pág. n.º 192)

é o da capacidade financeira do organismo central de compensação de preços e de estabilização do mercado — o Fundo de Abastecimento.

Na presente conjuntura, este organismo, cuja missão é servir igualmente o produtor e o consumidor, está a responder não só por todo o apoio de preços aos grandes sectores da nossa produção agrícola como está ainda a reforçar os fundos e serviços próprios do fomento da produção — Fundo de Melhoramentos Agrícolas, Campanha de Fomento Pecuário, Fundo de Fomento Florestal, mecanização, etc. —. A lavoura, no seu próprio interesse, não pode desejar que a participação do Fundo de Abastecimento na garantia de determinados preços do vinho vá ao ponto de tornar impossível àquele organismo a continuação do apoio que está a dar a outros sectores também vitais da produção agrícola e em que, aliás, estão interessados quase todos os vitivinicultores portugueses. De resto a acção de fomento em todos os campos da agricultura, em curso por força das verbas para esse efeito inscritas no orçamento do Estado e apoiadas pelo Fundo de Abastecimento, é condição sine qua non de reordenamento geral e do aperfeiçoamento técnico da actividade agrícola e por isso é também condição necessária a qualquer solução sectorial válida inclusivé a da própria vitivinicultura.

Dúvidas surgem já quanto ao processo de organizar a intervenção para garantia não de preços constantes mas sim daqueles que correspondam, para cada região, à cobertura razoável dos seus custos completos de produção economicamente viável e que necessariamente tem que variar, em cada ano, quer em virtude das oscilações dos custos dos factores de produção quer em virtude dos seus volumes anuais ou seja da produtividade das vinhas.

(Continua)

# Serviço de

# CONSULTAS

## REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duilio Marquês, Eng. Agrónomo—*Director da Estação Agrária do Porto*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Director da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

## II — FRUTICULTURA

N.º 9 — Assinante n.º 2194 — Montalvão (Niza).

### MILDIO DOS CITRINOS

PERGUNTA — Tenho um pequeno pomar de citrinos, árvores já há muito plantadas e outras recentemente, que todos os anos frutificam bem, sendo os frutos do melhor em qualidade e até mesmo em tamanho.

Estão plantadas em local abrigado, todas ou quase todas, são devidamente estrumadas com estrumes azotados e já em alguns anos com superfosfato 18 o/o. Regadas durante o Verão — devo dizer que este ano não tão abundantemente como necessitavam e mereciam — o terreno arenoso e quase plano, está deveras alagado, embora drenado, etc., mal se podendo andar sobre ele.

Este ano têm caído imensos frutos, talvez como em ano algum, embora as plantas muito fustigadas pela chuva, apresentem bom aspecto.

Assim, lembro-me rogar o favor de me dizer qual o adubo a aplicar logo que o tempo permita e as possa mandar lavar e cavar em volta. Será aconselhado o Foskamónio 121, tão próprio para as oliveiras?

Devo dizer que foram tratadas por duas vezes, no final da Primavera passada, com Citronol, etc..

E, agora, logo que o tempo melhore, embora ainda os frutos, alguns ainda atrasados, que calda lhes devo aplicar?

RESPOSTA—A queda dos frutos deve-se ao ataque dum fungo que este ano tem tido condições particularmente favoráveis — o mildio dos citrinos — Inverno chuvoso.

Assim, além dos tratamentos de Primavera e Verão que foram executados, deverão realizar-se durante o Outono e Inverno tratamentos mistos — contra o mildio e protectores contra geadas.

Para combater o mildio estão indicados os tratamentos feitos com produtos à base de sais de cobre e ainda os fungicidas orgânicos.

Dentre os sais de cobre o mais aconselhado é o sulfato que deverá ser aplicado nas doses de 1 a 2 o/o calda bordalesa com muita cal, 4 o/o, servindo o excesso de cal como protector contra as geadas.

Será este o tratamento que mais aconselho.

Pode fazer a aplicação do Foskamónio como fertilizante. — *Madeira Lobo*.

\*

N.º 10 — Assinante n.º 42 551 — Marco de Canavezes.

#### LIMOEIRO GALEGO. ENXERTIA DA VIDEIRA

PERGUNTA — 1.ª — Tenho uns limoeiros que deviam dar limões pequenos (galegos) e dão-nos muito grandes. Ora, convinha-me que fossem pequenos. Que lhes hei-de fazer? Será por a terra ser muito fértil? Primeiro, não davam fruto, depois, começaram a dar, e são demasiadamente grandes e, por isso, pouco económicos.

2.ª — Tinha uns produtores directos, a que aqui chamam Seiva ou Serva e que não prestam, mas eu o ano passado mandei enxertar; não pegou nenhum enxerto. Haverá alguma qualidade que seja própria deles. Preferia os garfos tintos.

Elas já não são muito novas.

RESPOSTA — O limoeiro em questão não deve ser de variedade *Galego*. Assim o Senhor Consulente ou se deve conformar com as características do fruto da variedade que de facto tem ou então deverá substituí-la, reenxertando a árvore ou substituindo-a.

II — Os produtores directos referidos têm uma regular afinidade para com a maioria das castas, tanto brancas como tintas, cultivadas na Região dos Vinhos Verdes.

A falta de pegamentos verificada deve atribuir-se ao facto de esta operação não ter sido bem feita e à forma como decorreu o tempo no passado ano, exageradamente seco.

Assim as enxertias feitas «em alto», fora da terra, foram particularmente prejudicadas.

Deverá mandar repetir a enxertia este ano por enxertador competente.

Convém mandar realizar já esta operação. — *Madeira Lobo*.

**VINHOS-AZEITES** — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azeites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento *Vino-Vito*, R. Cais de Santarém, 10-1.º dir.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 27130.

## XIV — ZOOTECNIA

N.º 11 — Assinante n.º 43 466 — Ponta Delgada (Açores).

#### APRECIACÃO DUMA RAÇÃO PARA VACAS

PERGUNTA — Envio os boletins de análise de duas rações para vacas que tenho possibilidade de adquirir, agradecendo a fineza de me indicarem aquela que julgarem mais aconselhável.

Como esclarecimento informo que tenho as minhas vacas em regime de semi-estabulação. Durante o dia comem erva de pasto, à base de azevém e trevos. Durante a noite comem silagem de milho e polpa de beterraba misturada com palha de trigo picada. É nesta mistura que desejo adicionar um pouco de uma das farinhas (rações).

Sendo agora a altura própria para dar estas rações, agradecia a brevidade da resposta.

RESPOSTA — Pela leitura atenta dos dois boletins de análise quantitativa, das rações para vacas enviadas ao Laboratório Químico-Agrícola, verificamos que a *Amostra n.º 2* é a recomendada.

Não pudemos determinar a «*Relação nutritiva*» — que é a proporção entre as «*substâncias proteicas*» ou «*proteínas*»; a *gordura*» (este elemento multiplicado pelo factor 2,5); acrescido do valor dos «*Nitratos de carbono*» e da «*celulose*», visto as análises não se referirem a «*hidratos de carbono*».

A «*Relação nutritiva*» ideal é = 1.

A carência dos «*hidratos de carbono*» da ração analisada, é compensada pelos da palha de trigo, pelos do trevo, pelos da polpa de beterraba, pelos da silagem de milho e pelos do azevém.

Por seu turno, o produto analisado é rico em «*substâncias proteicas*», chamadas também «*quaternárias*» ou «*proteínas*», indo reforçar os alimentos naturais à disposição dos bovinos.

A «*Relação cálcio-fósforo*» é harmoniosa.

Em resumo, pode considerar-se um «*correctivo proteico*» por virtude da sua riqueza em «*proteínas*», podem administrar-se cerca de um quilograma por cabeça e por dia. — *Carrilho Chaves*.



# INFORMAÇÕES

## Calendário de Março

Durante este mês a duração do dia é de 11 h. e 19 m. em 1, e de 12 h. e 33 m. em 31.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Terça . . . . .	7.10	18.29	12. 5	2 38
2 Quarta . . . . .	7. 9	18.30	13. 1	3.44
3 Quinta . . . . .	7. 8	18.31	14. 8	4.44
4 Sexta . . . . .	7. 6	18.32	15.23	5.38
5 Sábado . . . . .	7. 5	18.33	16.42	6.23
6 Domingo . . . . .	7. 3	18.34	18. 1	7. 1
7 Segunda . . . . .	7. 2	18.35	19.18	7.34
8 Terça . . . . .	7. 0	18.36	20.32	8. 4
9 Quarta . . . . .	6.59	18.37	21.45	8.33
10 Quinta . . . . .	6.57	18.38	22.56	9. 2
11 Sexta . . . . .	6.56	18.39	*	9.33
12 Sábado . . . . .	6.54	18.40	0. 6	10. 7
13 Domingo . . . . .	6.52	18.41	1.14	10.47
14 Segunda . . . . .	6.51	18.42	2.15	11.31
15 Terça . . . . .	6.49	18.43	3.12	12.21
16 Quarta . . . . .	6.48	18.44	4. 2	13.18
17 Quinta . . . . .	6.46	18.45	4.45	14.17
18 Sexta . . . . .	6.45	18.46	5.20	15.16
19 Sábado . . . . .	6.43	18.47	5.51	16.16
20 Domingo . . . . .	6.42	18.48	6.18	17.16
21 Segunda . . . . .	6.40	18.49	6.41	18.15
22 Terça . . . . .	6.39	18.50	7. 4	19.14
23 Quarta . . . . .	6.37	18.51	7.27	20.13
24 Quinta . . . . .	6.36	18.52	7.50	21.14
25 Sexta . . . . .	6.34	18.52	8.16	22.18
26 Sábado . . . . .	6.33	18.54	8.45	23.23
27 Domingo . . . . .	6.31	18.54	9.18	*
28 Segunda . . . . .	6.29	18.55	10. 0	0.30
29 Terça . . . . .	6.28	18.56	10. 2	1.35
30 Quarta . . . . .	6.26	18.57	11.52	2.36
31 Quinta . . . . .	6.25	18.58	13. 2	3.30

L. C. em 7 às 1 h. e 45 m.; Q. M. em 14 às 0 h. e 19 m.; L. N. em 22 às 4 h. e 46 m.; Q. C. em 29 às 20 h. e 43 m.

## Curso de Extensão Agrícola Familiar, em Rossas, concelho de Arouca

No passado dia 6, teve lugar em Provesende, Rossas, Arouca, o encerramento do curso de Extensão Agrícola Familiar que ali funcionou durante cerca de 4 meses. A realização deste curso deve-se ao interesse da população, manifestado através o seu pároco, interesse decorrente do conhecimento que algumas das raparigas do local tiveram de um outro curso realizado na sede da freguesia em Rossas e que resultou brilhante, pela dedicação de todas as alunas e da população como do bom nível do ensino ministrado.

Também ali em Provesende o curso foi um sucesso, como o sentiu a população e em pequena parte embora, se pôde verificar na exposição dos trabalhos que teve lugar na escola oficial local, gentilmente cedida a pedido da Estação Agrária do Porto pela Direcção Geral do Ensino Primário, para o encerramento do curso.

À volta do curso se aglutinaram as boas vontades do lugar, de que resultou inclusivamente o arranjo do caminho, antes em muito mau estado, que dá acesso a Provesende.

Não faltou também com a sua colaboração a Câmara Municipal, a qual contribuiu materialmente não só para o arranjo do caminho como mandou instalar a luz eléctrica na Escola Primária.

As entidades oficiais com o Presidente da Câmara à frente, o Inspector Chefe da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, o Director e o subdirector da Estação Agrária do Porto, o pároco da freguesia, vigário, etc. e muito povo, esperaram o Administrador Apostólico da Diocese do Porto no limite da freguesia de Rossas e feitos os cumprimentos do estilo, organizou-se um cortejo de automóveis que se dirigiu a Provesende.

Ali a população do concelho recebeu o prelado que logo a seguir celebrou missa campal, tendo à homilia saudado o povo da freguesia, incitando-o a que progredisse na sua valorização humana, profissional e espiritual.

Foi depois aberta uma exposição de alguns dos trabalhos realizados durante o curso de Extensão Agrícola Familiar que o prelado percorreu, sendo elucidado pela agente que regeu o curso e pelo Director da Estação Agrária do Porto.

A exposição, ainda que não podendo dar nítida ideia da vastidão e profundidade dos conhecimentos que o curso ministrou àquelas raparigas do alto da serra, foi no entanto suficientemente elucidativa

para ilustrar a preparação que se ficou devendo ao curso.

No final foi realizada uma sessão solene em que falou primeiramente o pároco da freguesia, agradecendo a presença do Sr. Administrador Apostólico, ao Director da Estação Agrária do Porto a realização do curso e às raparigas e população a colaboração prestada.

Usou a seguir da palavra o Presidente da Câmara Municipal de Arouca que reconheceu o grande interesse que esta iniciativa da Estação Agrária do Porto está tendo no concelho, vincando também o seu reconhecimento não só por esta acção, mas por todas as actividades e actuações de que a mesma Estação tem rodeado aquele concelho.

O Director da Estação Agrária do Porto, dirigindo-se ao prelado afirmou que a sua presença a compreendia como uma afirmação do reconhecimento da obra de progressão rural que a todos os níveis e desde sempre a Estação Agrária do Porto vem procurando realizar na sua área. Afirmou que até para além das possibilidades, e dentro da competência dos Serviços Agrícolas Regionais se tem dado sempre todo o apoio aos desejos da Lavoura quando, por actos válidos, demonstra que quer progredir. Traçou um breve resumo das actividades da Estação Agrária do Porto em todas as suas múltiplas facetas, acabando por afirmar que os técnicos daquela casa estavam ao serviço da preparação rural e agrícola, dando-se à causa com espirito de missão e assim muito para além do simples cumprimento do dever que a lei lhes impõe.

Encerrou o prelado com palavras de muito louvor para a população, para o pároco da freguesia e para a Estação Agrária do Porto.

## Estado das culturas em 31 de Janeiro

Informação fornecida  
pelo Instituto Nacional de Estatística

As condições de tempo, que se vinham verificando, não experimentaram modificações sensíveis para a lavoura durante o mês de Janeiro. Com efeito, continuaram a registar-se quedas pluviométricas importantes, que impediram ou dificultaram a execução dos trabalhos próprios da época e, frequentemente, devido à sua intensidade, provocaram inundações dos campos marginais dos cursos de água e arrastamento de terras.

As sementeiras dos cereais de pravana foram muito prejudicadas, observando-se um atraso acentuado nos respectivos trabalhos. O facto de muitas terras não apresentarem a sazão apropriada para serem elaboradas contribuiu para se notarem áreas apreciáveis por semear que, normalmente, já o deveriam estar nesta altura do ano.

A temperatura média do ar manteve-se a um nível relativamente elevado para a época, o que favoreceu o desenvolvimento da parte aérea das culturas cerealíferas, em detrimento do sistema radicular e do afilamento. As searas situadas nas terras com drenagem mais difícil apresentam prejuizos nas plantas, causados pela asfixia das raízes devido ao

excesso de água no solo. O desenvolvimento das ervas infestantes, cuja monda se tornou difícil devido ao estado do tempo, é bastante importante.

A alimentação dos gados, no respeitante a alimentos verdes, foi acentuadamente satisfatória. As condições de clima — ausência de geadas e amenidade da temperatura — favoreceram o desenvolvimento das culturas forrageiras, que forneceram cortes abundantes. Simultaneamente, as pastagens naturais, tendo rebentado mais cedo do que o costume, encontram-se excepcionalmente desenvolvidas, mas nem sempre o seu pleno aproveitamento foi possível pelo facto do excessivo estado de encharcamento do solo não permitir o pascigo.

As chuvas quase continuas e a escassez de mão-de-obra dificultaram os trabalhos da colheita da azeitona, que já terminaram em algumas regiões. A funda e a qualidade dos azeites obtidos foram muito variáveis, mas frequentemente satisfatórias. Em primeira estimativa calcula-se que a produção da presente campanha ultrapasse a da anterior em 38 o/o, mas fique aquém da média do último decénio em 30 o/o.

O estado do tempo favoreceu o desenvolvimento dos ataques do mildio (*Phytophthora hibernalis*, *Carne*) nos pomares de citrinos, ao mesmo tempo que impediu a realização dos tratamentos fitosanitários adequados.

As feiras e os mercados decorreram de maneira variável, mas de um modo geral foram afectados pelas condições meteorológicas. Notou-se uma subida acentuada nos preços dos gados, cuja procura aumentou, em especial no dos bovinos, para o que contribuiu a abundância de pastos. No produtos agrícolas verificou-se que o preço da batata, dada a escassez da última produção, atingiu cotações relativamente elevadas. Os produtos hortícolas rarearam em algumas regiões e por esse motivo foram transaccionados a preços superiores aos anteriormente observados.

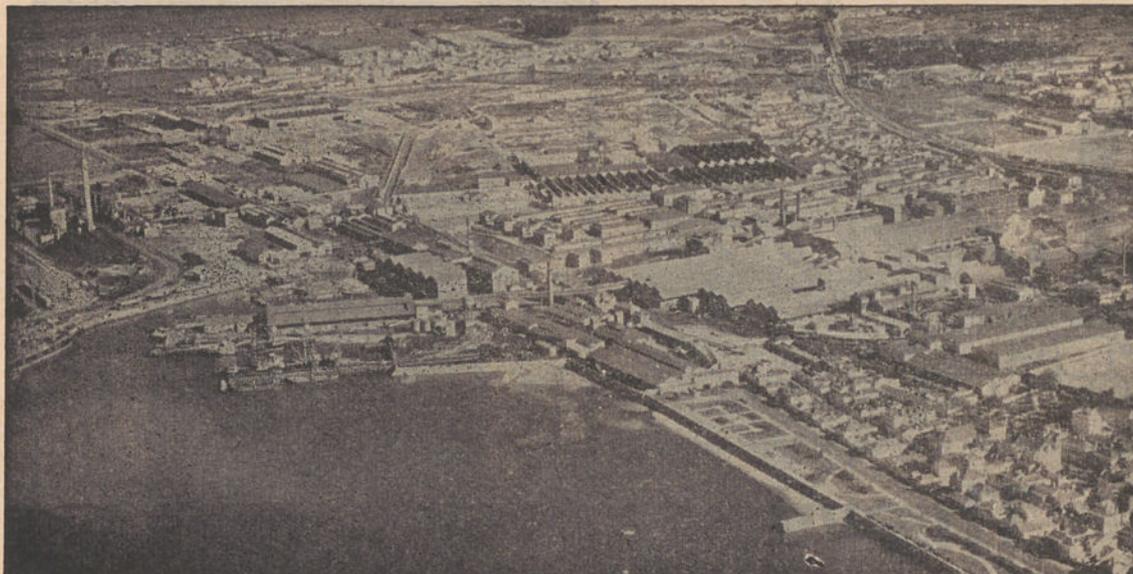
A falta de mão-de-obra, atenuada pela impossibilidade de ser utilizada na sua máxima disponibilidade em consequência do estado do tempo, mostra tendência para se acentuar logo que haja uma melhoria das condições meteorológicas e devido à necessidade de realizar as múltiplas fainas próprias da época que se aproxima.

### INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

*Todos os assinantes da Gazeta das Aldeias, depois de um ano de assinatura paga, têm o direito de fazer inserir gratuitamente, nesta secção, em cada ano, dois anúncios de três a quatro linhas em que ofereçam produtos da sua exploração agrícola, ou solicitem trocas de animais, plantas, sementes, etc., de que necessitem. Esses anúncios serão publicados duas vezes. Não são considerados nesta regalia os anúncios de carácter comercial.*

**Gansos** de Toulouse, compra Guilherme Amaral Leite Bettencourt — Atalhada, 59, Lagoa (S. Miguel) — Açores.





FÁBRICAS DO BARREIRO

Prefira Insecticidas C. U. F.

**Garantia de boas colheitas**

**VISENE** — pó molhável contendo 50% de SEVIN

**AZINFOR** — líquido contendo 44% de AZINFOS-ETILO

*— Ambos de comprovada eficácia no combate ao «Escaravelho da Batateira» e «Bichado» das Peras e Maçãs.*

— o **VISENE** e o **AZINFOR** são compatíveis com o MILDOR, ASPOR e TIEZENE pelo que se podem **combater simultaneamente** o «escaravelho» e «míldio» nos batatais e o «bichado» e «pedrado» nas pereiras e macieiras.



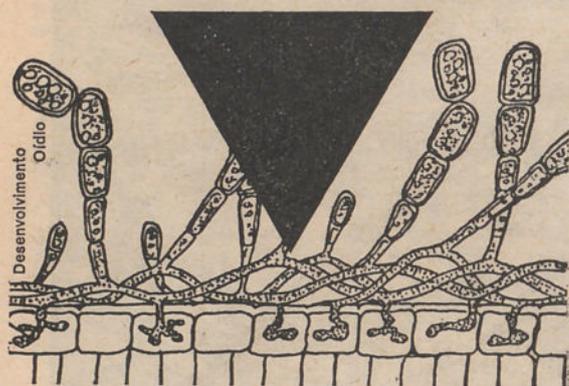
**COMPANHIA UNIÃO FABRIL**

LISBOA — Avenida Infante Santo, 2

PORTO — Rua do Bolhão, 192

*Depósitos e Revendedores em todo o País*

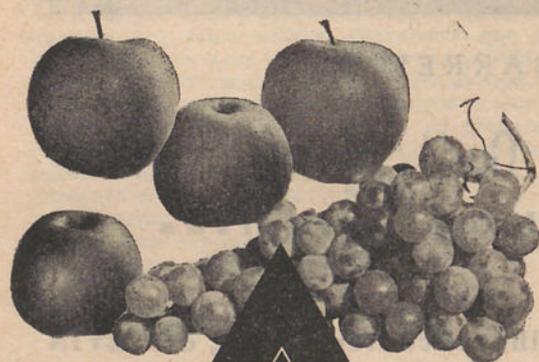
8456



Desenvolvimento  
Oídio

Contra o Oídio em viticultura e em arboricultura:

## Thiovit



Produtos  
Sandoz, Lda.  
Lisboa - 3



Peça-nos o Guia  
de Tratamentos

4156

## Tonéis em CIMENTO

(MÓVEIS)

De uma a doze pipas



Armadura em aço inox  
Resistem aos abalos de terra

Indicamos centenas de clientes  
que já os usam e Adeqas Cooperativas  
PEÇAM CATÁLOGOS

4027

MODELO REGISTRADO

para *Vinhos e Aguardentes*

Se é bom administrador adquira já estes tonéis em cimento e ponha de parte a vasilha de madeira.

Garantimos vinho 75 % melhor — Já vão tratados e prontos a envasilhar vinho e aguardente — Não ha atestos e bolores.

Acabe com a preocupação dos arcos e aduelas

Envasilhar vinho nestes tonéis é a mesma coisa que engarráfá-lo

Tomamos a responsabilidade do que afirmamos

Invenção e fabrico de

**A Industrial do Barreiro**

Telefone, 115 — Vila Nova de Famalicão

## Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

*No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.*

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

**Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.**

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 96271 — NINE

3684

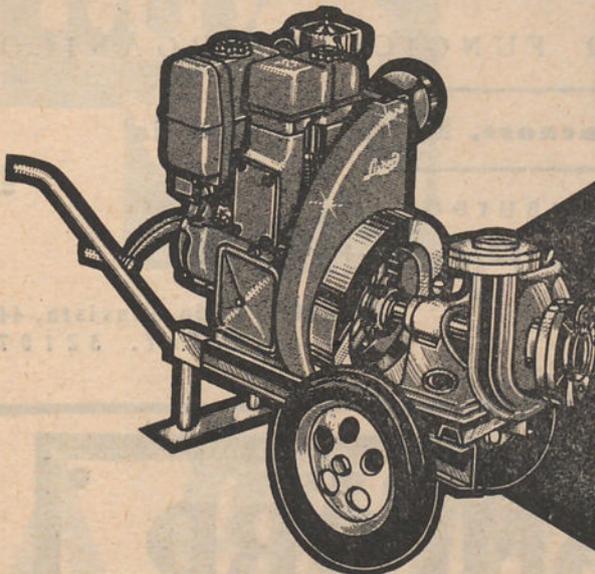
# Lister

**GRUPOS  
MOTO • BOMBA  
DIESEL**

**MOTORES  
ARREFECIDOS  
POR AR E POR  
ÁGUA DESDE  
3,5 H. P.**

- ROBUSTOS
- ECONÓMICOS
- GARANTIDOS

**ASSISTÊNCIA  
TÉCNICA  
PERMANENTE  
•  
ENTREGAS  
IMEDIATAS**



## Pinto & Cruz, Limitada

60, Rua Alexandre Braga, 64 - Telf. 26001 (P.P.C.) Teleg. TUBOS-Porto



# ÁRVORES DE FRUTO

*De sombra e jardim. Bacelos enxertados e americanos. Eucaliptos. Oliveiras. Todas as variedades e qualidades encontra — de maneira a satisfazer — numa das melhores casas do género.*

## FLORICULTORA HORTO DO ROCIO

de JOÃO CRESPO JÚNIOR

Rua Major Rosa Bastos, 2 — CANEÇAS — Telef. 920146 4157

Mostruário e Venda, Rua de S. Julião 50 — Tel. 33449 — LISBOA (Entre as Ruas da Prata e dos Fanqueiros)

Encarregamo-nos da construção de Jardins, para o qual temos pessoal habilitado. Antes de fazer as suas encomendas não deixe de consultar a nossa casa.

Enviamos catálogos grátis

Uma nova organização ao serviço da Fruticultura



Contra o míldio da vinha, batateira e tomateiro

# Dithane M-45

Fungicida com 80% de mancozebe

O MAIS MODERNO FUNGICIDA ORGÂNICO

Eficaz contra: **Antracnose, Monília, Septória**

DISTRIBUIDORES:

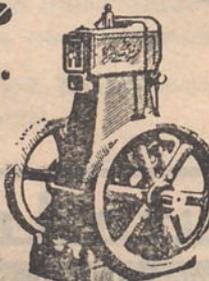
## Sociedade Permutadora

LISBOA — Av. da Liberdade, 190  
Telef. 48141-2-3-4

S. A. R. L.

PORTO — R. da Boavista, 44  
Telef. 32107

4180



Desde 3 1/2 HP - 600 RPM

MOTORES A ÓLEO

# BAMFORD

**DIESEL**

O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA

RESISTENTES SIMPLES FÁCEIS DE MANEJAR ECONÓMICOS GARANTIDOS

**JAYME DA COSTA, L<sup>da</sup>**  
14 - R. dos Correios - LISBOA  
12 - P. da Batalha - PORTO

MECÂNICA E ELECTRICIDADE EM TODAS AS APLICAÇÕES

1140



**Na chamusca  
dos porcos**

**Na extracção  
de sarro  
do vasilhame**

**Nas chocadeiras**

**Nas criadeiras  
de pintos**

4139

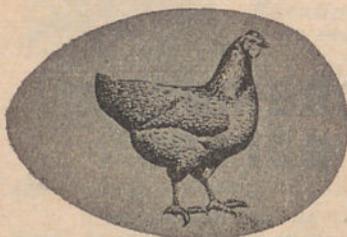


**PROPACIDLA**

**O MELHOR GÁS  
AO SERVIÇO  
DA INDÚSTRIA**

# Karswood

## POULTRY SPICE



Estimulante e Complemento alimentar para  
**Galinhas, Patos, Perús e Faisões**

- Estimula naturalmente o desenvolvimento
- Predispõe para um mais rápido aumento de peso
- Aumenta a postura

— Devido ao equilíbrio das substâncias minerais que contém:

- Melhora a fertilidade dos ovos
- Provoca o desenvolvimento dos embriões
- Mantém altas percentagens de eclosão
- Acelera a muda da pena

— Muito apetecido devido a ser muito aromático

— Um pacote de 453 g é suficiente para 20 galinhas poedeiras durante 32 dias

PACOTES de 453 g = 14\$00  
L A T A S de 3.180 g = 85\$00



Um produto de: *Nicholas A. & V., Limited* — Inglaterra

Representantes em Portugal: *F. Lima & C.a, Sucr., L.da* Telef. 44737-45515

Avenida Fontes Pereira de Melo, 17-4.º — LISBOA-1

## Um bom aumento de Rendimentos Agrícolas

é obtido por adubação orgânica e químico-orgânica (base de farinha de peixe), da acreditada marca "SEREIA", a qual inspira confiança à lavoura exigente.

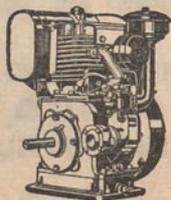
## S E R E I A

Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda.

Breyner-SEIXAL

Agentes Gerais: *Aliança Agrícola e Comercial, Lda.*

Calçada do Duque, 3-1.º — LISBOA-2



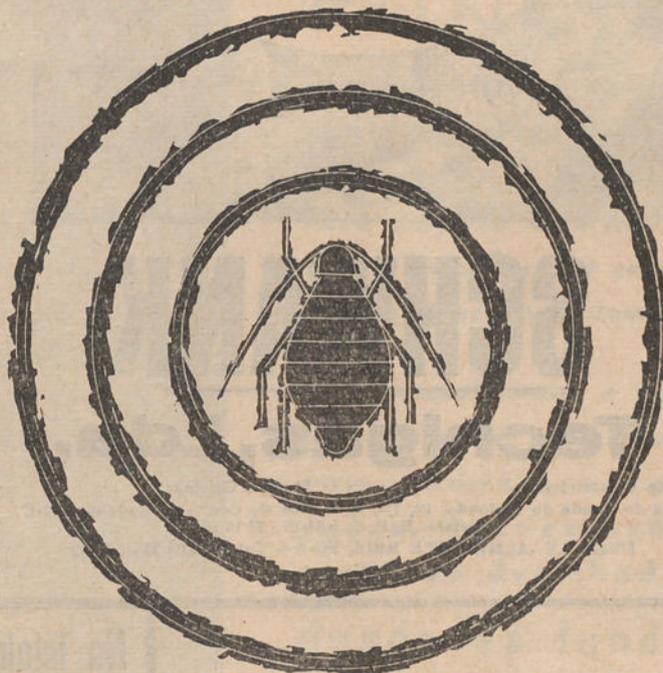
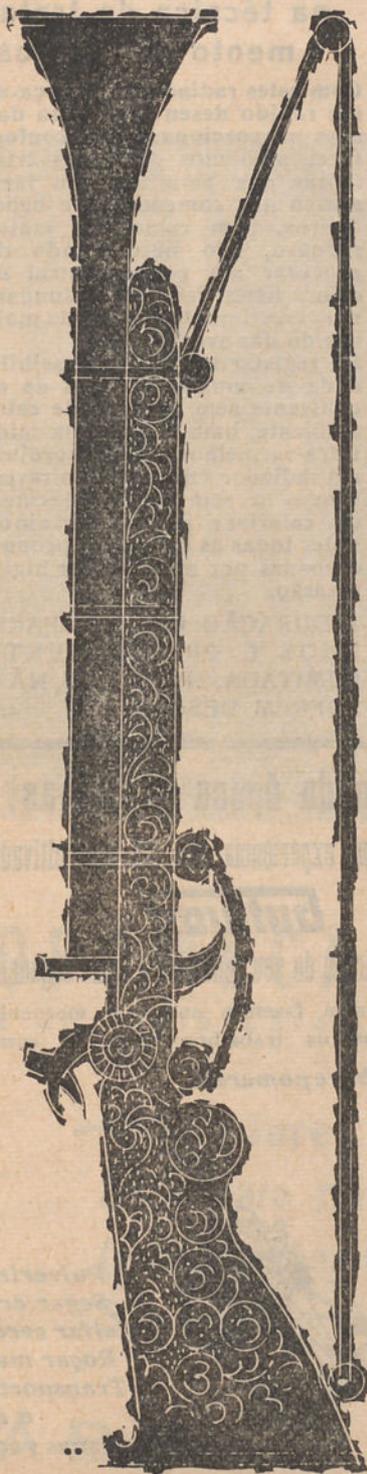
## "WISCONSIN"

MOTORES A GAZOLINA E PETROLEO  
DE 2 A 30 CAVALOS=PEÇAS DE RESERVA

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

## CASA CAPUCHO

LISBOA-RUA DE S. PAULO-113-129  
PORTO-R. MOUS DA SILVEIRA-139-143



Para boas colheitas:

## ® PERFEKTHION

contra a mosca da azeitona, mosca dos frutos, bichado dos frutos, aranhigo vermelho e afídios. O insecticida sistêmico à base de Dimetoato, não ultrapassado em eficiência.

## ® DICARBAM

contra o escaravelho da batata, bichado das peras e maçãs e traça da uva. O insecticida com base em Carbaryl de larga acção residual e baixa toxicidade para pessoas e animais.

© marca registada

# BASF

PORTUGUESA, S.A.R.L.

raios infra-vermelhos



# SCHWANK

## Tecnigás, Lda.

Sede e Escritório:

Rua do Conde de Redondo, 12, 1.º, E.  
Telefs. P. P. C. 5 41 18 - 73 16 18

Stand e Oficinas:

Rua do Conde de Redondo, 12-C  
Telefs. P. P. C. 5 41 18 - 73 16 18

Filial: AV. ALMIRANTE REIS, 189-A — Telefs. 4 68 23 - 5 66 12  
LISBOA - 4

### Não há melhor sistema, na técnica de trata- mento de pintos!

Com estes radiadores alcança-se um rápido desenvolvimento das aves proporcionado pelo confortável ambiente geral nas criadeiras que permitem um fácil acesso aos comedouros e bebedouros, bem como um maior repouso, não necessitando de procurar um ponto central de calor. Estes factores redundam num crescimento e engorda mais rápido das aves.

De registar também a possibilidade de uma renovação de ar constante sem prejuízo de calor ambiente, uma vez que os raios infra-vermelhos do extraordinário radiador "Schwank" atravessam o ar sem perda apreciável de calorías: assim podemos obter todas as vantagens proporcionadas por uma melhor higienização.

**A DURAÇÃO DESTES APARELHOS É PRÁTICAMENTE ILIMITADA, PORQUE NÃO SOFREM DESGASTE.** 4164

*O Caminho de Ferro  
é o transporte ideal,  
pois é seguro, rápido  
prático e económico.*

1593

## H. KLEIN, L. DA

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

**Produtos Enológicos** — Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhoramento e clarificação de vinhos.

**Derivados de Mosto de Uva do Douro** — Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

**Carvões vegetais activos** — Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia  
Telef. 390141 — Telegr. NIELK

1833

### No início da época das ervas...

Faça uma experiência com um motocultivador

## Gutbrod

e ficará admirado do seu rendimento como segadeira

Economize fazendo com um motocultivador todos os trabalhos agrícolas, como:

*Cavar vinhase pomares*

*Semear*

*Gradar*

*Sachar*

*Regar*



3781

*Pulverizar  
Segar erva  
Ceifar cereal  
Roçar mato  
Transportar  
e até*

*Mungir as suas vacas*

**Agência Geral Gutbrod**

R. de José Falcão, 152-156 — Tel. 20947 — PORTO

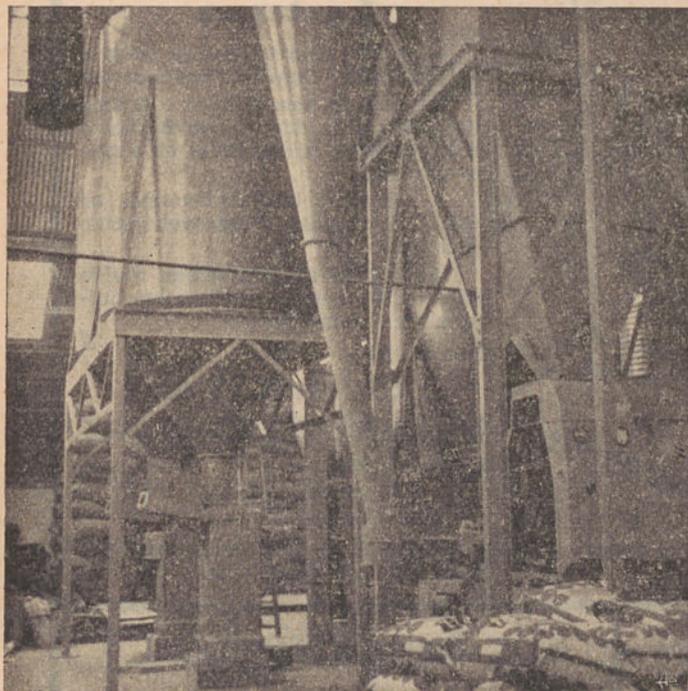
# Desde as fundações ao ensaque...

...adopte uma instalação

## FUNCOR

com os últimos aperfeiçoamentos técnicos em automatização e fabricará rações compostas com a qualidade e economia que sempre desejou.

Consulte-nos e receberá, sem qualquer compromisso ou encargo, informações técnicas detalhadas, desde as fundações ao ensaque.

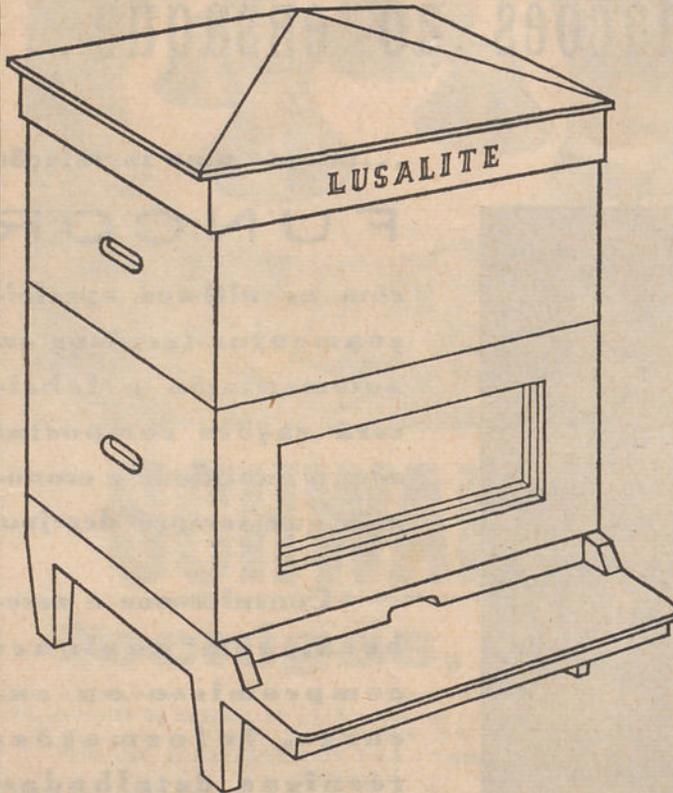


**SOFOMECA** — Sociedade de Mecanização Agrícola, Lda.  
Rua de Santa Catarina, 1164 — PORTO — Telefone, 34823

Trituradores • Tararas • Misturadores  
Silos para cereais • Silos para forragens  
(estabulações livres) • Secadores de grãos  
Secadores de forragens

4163

## FÁBRICAS DE RAÇÕES



## Colmeias **LUSALITE**

em

TRÊS MODELOS:

### Prática \* Reversível e Lusitana

A gravura representa uma colmeia «REVERSÍVEL» com iluminação natural.

Trata-se de uma colmeia com uma janela de vidros duplos que facilita a penetração dos raios solares no ninho da colmeia.

A sua acção benéfica exercida na «MESTRA» facilita o desenvolvimento do enxame.

Atingem-se produções muito maiores do que as obtidas em colmeias sem iluminação.

Peça tabelas à



4.183

### **LUSALITE**

Soc. Portuguesa de Fibro-Cimento, S. A. L. T.

Rua de S. Nicolau, 123

Telef. 322091

LISBOA - 2

R. S. to António, 15-2.º — PORTO

ou aos seus Revendedores, estabelecidos nas principais praças do País

PELES de coelho, raposa e de todos os animais — Curtimos, tingimos e confeccionamos

## RÚSSIA NO PORTO

Raposas e casacos de peles aos melhores preços.  
R. Fernandes Tomás, 561-Porto  
(Alma da Gaspita das Almas)  
Telef. 22960 211P

## Cruz, Sousa & Barbosa, L. da

### Papéis e Máquinas Gráficas

R. D. João IV, 567-2.º — PORTO

Telefs. 27656 e 27657

2457



## «PIONEER»

NOVO MODELO 650

- ★ Mais aperfeiçoado e eficiente que o anterior.
- ★ Assistência assegurada com peças de origem.

Aceitamos agentes nas localidades ainda disponíveis

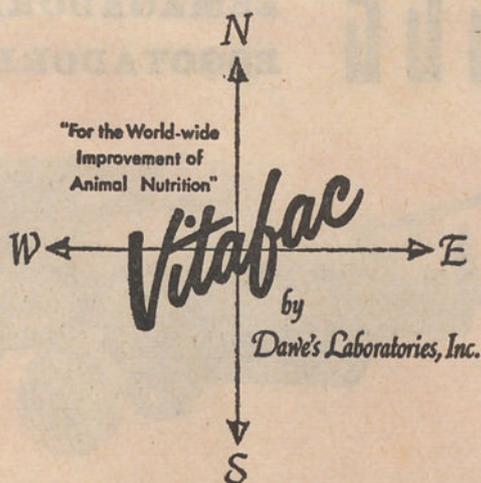
4.169

Representantes exclusivos para Portugal Continental e Ultramarino

### **OSÓRIO & SOTTOMAYOR, LDA.**

Avenida dos Aliados, 200—Telefone, 24254—PORTO

# Na base da alimentação racional dos animais



Gama completa de suplementos antibióticos, vitamínicos e minerais pré-misturados

❖ **BROILER BASE**  
*pintos e frangos de carne*

❖ **SUPER POULTRY BASE**  
*frangas e galinhas poedeiras*

❖ **POULTRY BREEDER BASE**  
*reprodutoras*

❖ **SWINE BASE**  
*suínos*

❖ **DAIRY BASE**  
*vacas leiteiras*

❖ **CALF BASE**  
*vitelos*

*Fórmulas equilibradas para arraçoamentos consoante os componentes à disposição*

Toda a experiência de dezenas de anos do Departamento Técnico dos Laboratórios «DAWE'S» ao serviço da indústria de alimentos compostos para animais

**DAWE — ITÁLIA, S. P. A.**

*Pedidos aos Representantes Exclusivos*

*M u n d i n t e r*

LISBOA-1

Av. António Augusto de Aguiar, 138

Telef. 73 21 31

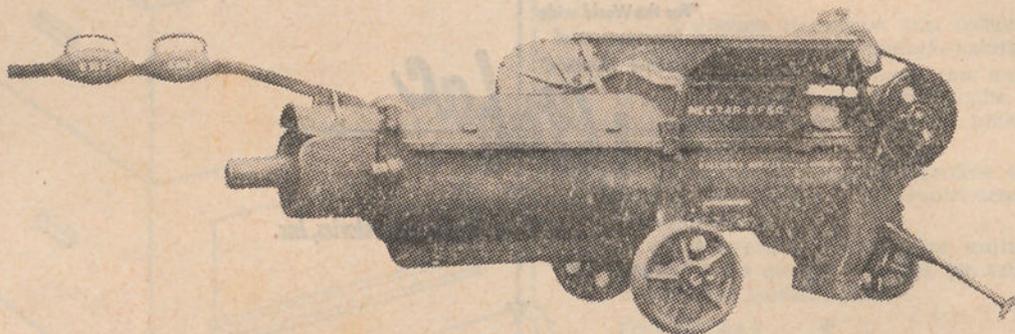
PORTO

Rua Júlio Dinis, 886

Telef. 64107

# MABILLE

**PRENSAS CONTÍNUAS  
ESMAGADORES - BOMBAS  
ESGOTADORES**



**Material Vinícola da mais alta qualidade**

**CEIA** — Centro de Equipamentos Industriais e Agrícolas, Lda.  
Rua Conde de Redondo, 97 r/c Dto.—LISBOA-2

4176

O MELHOR CAFÉ

É O DA

## BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Tels.: 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

### PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**  
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ  
Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para  
os animais domésticos

Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam  
Frasco pequeno - 12\$50 • Frasco grande - 50\$00  
Vende-se em todas as farmácias, drogarías, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES  
GERAIS

**Vicente Ribeiro  
& C.ª**

R. dos Fanqueiros 84, 1.º, Dt.º

L I S B O A

2692



*As mais seleccionadas árvores de fruto  
As melhores sementes de flores e de horta  
As mais lindas ROSAS premiadas em Con-  
cursos Internacionais  
Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, etc.*

**Alfredo Moreira da Silva & F.ºs, Lda.**

Viveirista autorizado n.º 3

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

Telef. 21957

Telef. «Roselândia» -Porto

4151

AS BOAS COLHEITAS COMEÇAM COM ANTRACOL



Exito A1-5

e terminam no dia da prova do vinho, quando o viticultor goza os resultados do seu esforço.

da primeira à última cura



A PAZ NOS CAMPOS

**Antracol**  
foi o amigo da sua vinha

Impondo-se rapidamente pelos seus resultados, ANTRACOL é o fungicida eficiente e persistente de que o lavrador precisa no combate ao míldio da vinha, da batata e do tomate.

**Antracol**  
cura, pinta, dura e dá fartura

# CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

O ADUBO AZOTADO COM  
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL

*OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS  
NAS SEGUINTE CULTURAS:*

ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,  
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.

*E AINDA*

NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E  
NO COMBATE AS ERVAS DANINHAS



## COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS  
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS  
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º  
LISBOA — TELEFONE 368989

3165